

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

ANDRÉIA APARECIDA DA SILVA

**CDP E MEMÓRIA POPULAR:
UMA EXPERIÊNCIA
(1970 - 1980)**

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1283

Data 02/09/98

SETEMBRO DE 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1.628

S.9
(c)

ANDRÉIA APARECIDA DA SILVA

***CDP E MEMÓRIA POPULAR :
UMA EXPERIÊNCIA
(1970 - 1980)***

SETEMBRO DE 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO - PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

ANDRÉIA APARECIDA DA SILVA

**Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção
do Bacharelado em História na
Universidade Federal de
Uberlândia sob orientação da
Professora Gizelda Costa da
Silva Simonini.**

UBERLÂNDIA, SETEMBRO DE 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
38400-900 - Uberlândia, Minas Gerais

BANCA EXAMINADORA

Paulo Roberto Almeida

PROF^o. DR^o PAULO ROBERTO DE ALMEIDA

Fonseca

PROF^a. DR^a. SELVA GUIMARÃES FONSECA

Gizelda Costeira S. Simonini

PROF^a. Mr. GIZELDA COSTA DA SILVA SIMONINI

*nota 100,0
Simonini*

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha existência.

À minha amiga, mestra e orientadora Gizelda Simonini, pelo apoio, compreensão e dedicação.

À minha irmã Beta e toda sua família, pela presença constante.

À minha família que, mesmo distante, incentivou-me até o fim.

Aos meus velhos companheiros de “república” : Erli, Marcos, tio Chico e Jorgetânia, pela solidariedade no início da minha vida acadêmica.

À eterna “Reputação” - Rosângela, Leila e Ana Paula - pelos bons tempos.

Às minhas novas companheiras de “república” : Cristiane, Valéria e Ivonilda, por tudo que vivemos juntas.

Aos amigos de todos os momentos que, de alguma forma contribuíram para que eu me tornasse mais humana e mais profissional.

Dedico este trabalho:
à meus pais: Joaquim Paulino e Sebastiana.
à minha filha Sara, que em tão pouco tempo ensinou-me tanto da
vida.
à João Bosco, pela presença sempre querida nesses últimos
tempos.

SUMÁRIO

Apresentação.....	07
Capítulo I - Fontes Orais: Novas Possibilidades de Pesquisa.....	12
Capítulo II - Pedacos da História: Vozes, Testemunhos e Fragmentos.....	20
Migração.....	24
Urbanização.....	25
Sindicato.....	27
Política.....	29
Educação.....	33
Trabalho.....	35
Saúde.....	38
Direitos Humanos.....	39
Economia.....	40
Família.....	41
Meios de Comunicação de Massa.....	42
Religião.....	43
Movimentos e Organizações.....	45
Capítulo III - Vivências e Experiências: uma outra forma de educação.....	55
Considerações Finais.....	84
Bibliografia.....	90

APRESENTAÇÃO

O Centro de Documentação Popular - CDP é um local privilegiado devido à quantidade e qualidade de documentos ali reunidos. Entretanto, mais do que preservar e acumular os documentos, visa estimular, expandir e multiplicar os estudos referentes à memória popular. Nesse sentido, traz consigo uma gama de possibilidades que interpela e impulsiona o pesquisador frente às questões mais emergentes da atualidade.

Acompanhar a trajetória de um Centro de Documentação Popular, lidar com fontes das mais variadas e, na sua maioria, singulares, porque produzidas no interior dos próprios movimentos, sem tomarmos posição, sem nos sentirmos sujeitos da história é praticamente impossível. Aliás, toda e qualquer organização de documentos pressupõe um envolvimento e escolhas por parte do organizador.

Nesse sentido, mesmo que quisesse, o historiador não poderia ou não conseguiria ser “neutro” diante das inúmeras experiências por ele vivenciadas ou então recuperadas através dos documentos históricos. Isso porque o pesquisador está repleto de expectativas, perspectivas, tendências, opiniões e compromissos que são resultados de uma vivência singular, experimentada no seu dia-a-dia, e que de um modo ou de outro irá nortear seus interesses bem como suas práticas. Certamente, suas escolhas e leituras da realidade estarão embasadas nessa experiência, que é individual e única.

Ao aprofundarmos neste tipo de trabalho - de organização, incorporação,

produção e análise de documentos orais, muitas dificuldades vão se fazendo presentes, o que torna-se necessário, além de tentar recuperar os movimentos ou momentos históricos através das fontes orais, também estarmos atentos às questões concernentes à imparcialidade, à objetividade histórica, bem como de outros critérios de cunho metodológico, uma vez que lançamos mão de um “método” ainda pouco explorado pela historiografia - a História Oral.

Como o objetivo deste trabalho, à princípio, foi o de incorporar fontes orais ao acervo geral do CDP, assim como preservar a memória popular e, levando-se em consideração que tanto o historiador quanto a metodologia não são neutros, pode-se afirmar que toda organização, por privilegiar certo tipo de documentação, não escapa aos interesses políticos que envolvem a manutenção ou o rechaço da ordem vigente.

Nesse sentido, são inúmeras as questões que se colocam e durante o trabalho de análise dos conteúdos das entrevistas bem como na seleção dos temas ali encontrados, pudemos perceber que as possibilidades de pesquisa e a diversidade de temáticas foram se ampliando.

Considerando nossas próprias experiências, também nós não fomos isentos em nossas escolhas nem tampouco nos preocupamos em mostrar neutralidade ou imparcialidade ao realizarmos nosso trabalho, mesmo quando num momento posterior, optamos por explorar mais detalhadamente o tema educação à partir da análise das fontes orais.

Entretanto é preciso salientar que o nosso compromisso é apenas com o

conteúdo das entrevistas, até porque elas não foram realizadas especificamente para esta pesquisa, mas doadas ao CDP por outros pesquisadores. Mesmo assim, o fato de não termos selecionado os informantes não significa, necessariamente, inviabilizar sua utilização enquanto fonte documental, tanto para essa pesquisa, quanto para qualquer outra. As fontes orais são fontes documentais como outra qualquer e, uma vez produzidas, podem ser amplamente utilizadas, inclusive fazendo as mesmas restrições, tendo os mesmos cuidados que as fontes escritas requerem.

Buscando recuperar esta experiência de trabalho no CDP, bem como as contribuições e as reflexões nascidas ali com o manuseio das fontes orais e o tema educação informal, organizamos esta monografia em três capítulos.

P No primeiro capítulo, procuramos fazer um breve histórico do Centro de Documentação Popular bem como apontarmos algumas reflexões acerca da importância da incorporação ao acervo de entrevistas orais - fitas gravadas e transcrições, como fontes documentais para pesquisas.

Consideramos importante refletir sobre estas questões, uma vez que as fontes orais permitem

“não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos, mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos. Portanto, as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador, mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora”.¹

¹ - GARRIDO, Joan Del Alcazar. “As Fontes Orais na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate” in: **Revista Brasileira de História**. Vol. 13, nº 25/26, SP, ANPUH/Marco Zero, 1995.

Nesse sentido, passamos ao segundo capítulo, onde procuramos listar os temas mais emergentes dos conteúdos das entrevistas e, ao mesmo tempo dar voz aos sujeitos históricos. É interessante notar que através de seus testemunhos podemos perceber as inspirações, frustrações, valores e necessidades não apenas deles próprios como também dos movimentos aos quais eles pertenceram. Considerando aqui movimento no seu sentido mais amplo, ou seja, não apenas para designar os grupos organizados, mas também aquelas manifestações apresentadas no cotidiano da sociedade, como as reuniões de bairros, da Igreja, nas casas dos vizinhos, os Círculos Bíblicos, dentre outros.

Procuramos apresentar também a análise dos conteúdos das entrevistas e as atividades desenvolvidas a fim de dar suporte teórico-metodológico ao trabalho realizado com as fontes orais, até porque sua utilização requer conhecimentos de assuntos dos mais variados, exigindo de nossa parte o máximo de informação e leitura acerca de temas pertinentes que acabam aparecendo nos conteúdos das entrevistas.

As reflexões aqui apontadas pretendem ser apenas um primeiro passo em direção à compreensão do que deve ser o trabalho do historiador e nesse sentido, procuramos mostrar no terceiro e último capítulo um trabalho realizado com as fontes orais do CDP que tratam, dentre outros temas, especificamente a questão da educação. Não aquela sistematizada e escolar, até porque vários trabalhos já foram realizados nesse sentido, mas sobre a educação informal, aquela assegurada no cotidiano das lutas e movimentos populares, no enfrentamento dos

problemas do bairro, nas reuniões da Igreja, nos partidos políticos, sindicatos, nos fundos de quintais, nas casas de vizinhos e parentes, no trabalho. Ou seja,

“modalidades de educação muitas vezes pouco conhecidas pelo uso comum da educação, não sistematizadas pela estrutura do sistema oficial, algumas vezes ignoradas inclusive pelos próprios estudiosos deste campo de conhecimento.”²

² - PUCCI, Bruno. **A Nova Práxis Educacional da Igreja (1968-1979)**. São Paulo: Edições Paulinas. 1984, p.21

CAPÍTULO I

FONTES ORAIS: NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

*“ Os seres humanos fazem a história a partir de um concreto, de um ideal, que inclusive depende deles” .
Paulo Freire*

O CDP (Centro de Documentação Popular)³, nasceu espontaneamente a partir de 1985 e foi organizado por militantes políticos, sindicalistas, professores e estudantes, que o fizeram, de acordo com suas possibilidades, no sentido de recuperar e preservar uma série de documentos produzidos por movimentos populares emergentes a partir de 1982.

Devido a uma série de dificuldades, que colocavam em risco a preservação do acervo acumulado, em 1993 chega à Universidade Federal de Uberlândia em caráter de doação, um conjunto de documentos - jornais, informativos, revistas, livros, panfletos, folders, fitas gravadas, projetos, cartas, etc - provenientes de diversos movimentos da sociedade brasileira de 1982 a 1990. Dentre eles: sindicais, partidários, populares, leigos católicos, cultura popular, etc. Todo esse conjunto se completa em torno de três mil documentos.

Neste mesmo período, além da incisiva preocupação de preservar a documentação, seus organizadores aspiravam pela ampla utilização desse material para fins de pesquisa e preservação da memória popular.

³ - Os dados sobre o histórico do CDP foram obtidos a partir do Projeto CDP: A Construção da Memória Popular, enviado ao CNPq pelo professor Paulo Roberto de Almeida a fim de pleitear duas bolsas de Iniciação Científica para alunos do curso de História da UFU.

Estando o acervo do CDP na Universidade, localizado e acondicionado no CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História), onde se constitui como fundo, a preocupação maior foi a sua organização e catalogação. Já em fase de organização, foi feito um levantamento do acervo e encaminhou-se um projeto que visava organizar o material e criar estímulo à pesquisa. Essas práticas foram desenvolvidas pensando na idéia de transformar o CDP num Centro de Documentação para oferecer subsídios aos pesquisadores em História e áreas afins.

Um dos objetivos do projeto era a produção de um guia de pesquisa. Para atendê-lo, percebeu-se a necessidade da separação do material por linhas temáticas, a fim de possibilitar aos pesquisadores um melhor manuseio, tanto do guia quanto do material de interesse, bem como proporcionar através da tematização uma maior problematização acerca do material, criando assim maiores possibilidades e sugestões para novos temas de pesquisa.

Como desdobramento desta perspectiva de reconhecimento das fontes e de uma lógica própria das mesmas, o material foi separado em linhas temáticas diferenciadas, dentre as quais podemos destacar: Movimentos dos Trabalhadores Sem-Terra, Movimento Político-Partidário, Movimento dos Trabalhadores em Educação, dentre outros.

Esta primeira fase foi concluída com a produção do guia de pesquisa, bem como uma série de outras atividades. Visando a continuidade do projeto, trabalhamos com a perspectiva de ampliação do acervo através da incorporação

de fontes orais contidas no acervo de fitas gravadas produzidas durante estes dois anos ou doadas ao CDP.

Esta documentação foi produzida ao longo de dois anos de implementação do projeto, de doações feitas por outros pesquisadores e de material recolhido durante pesquisas específicas.

Num primeiro momento, nós não temos compromisso com a entrevista em si, pois o material já estava pronto quando chegou às nossas mãos. Basicamente nossa função foi a de transcrever, digitar e analisar o conteúdo das mesmas, porque com o tempo, todo este material poderia perder-se ou então tornar-se incompreensível, o que seria lastimável, levando-se em conta a riqueza dos depoimentos. São mais de cem horas de entrevistas gravadas, contendo depoimentos de trabalhadores, lideranças sindicais e populares da cidade de Uberlândia e região, lideranças nacionais, professores e também palestras de vários intelectuais abordando temas pertinentes ao acervo já catalogado.

É interessante ressaltar neste momento a importância da incorporação de fontes orais ao acervo porque de um lado permite

*“a constituição de um abundante corpus documental sobre um campo histórico, às vezes, mal conhecido, e por outro, a experimentação, pelos historiadores, de novas formas de intervenção e de comunicação à margem das formas habituais do ensino e da pesquisa, mais participativas do que acadêmicas, porém cientificamente tão rigorosas quanto as precedentes”.*⁴

Nesse sentido, além de colocar tal acervo à disposição de outros pesquisadores, procuramos acompanhar a discussão sobre os procedimentos

⁴ - FRANÇOIS, Etienne. “A Fecundidade da História Oral”, in: Marieta de Moraes & Janaína Amado (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, RJ, 1996, p. 11.

técnicos de investigação com fontes orais, que muitos historiadores e cientistas sociais vêm realizando, numa perspectiva de estimular e instrumentalizar investigações de temas pouco trabalhados pela historiografia.

Aliás, a nossa investigação quer proporcionar à outros pesquisadores o acesso a uma documentação oral, contribuindo para a discussão e produção científica, não só historiográfica, mas também à áreas afins. Desta forma, uma das preocupações é a de acompanhar as discussões sobre os procedimentos de investigação com fontes orais, na medida em que esta última

“se constitui num encontro com sujeitos da história, podendo contribuir para reformular o eterno problema da pertinência social da história e também do lugar e do papel do historiador, por isso mesmo ela pode representar para a história, uma chance que não se deve subestimar”.⁵

A riqueza das fontes orais está justamente em dar voz aos sujeitos históricos antes silenciados, mas é preciso agir cautelosamente, uma vez que elas não trazem a história em si, ou seja, elas não esclarecem necessariamente os fatos passados, apenas são interpretações atuais deles.

Nesse sentido, os depoimentos precisam ser encarados pelos historiadores como fontes documentais, passíveis de interpretação, caso contrário, corre-se o risco de estar construindo qualquer outra coisa, menos história.

Levando-se em consideração que no nosso país mais da metade da população é analfabeta, as fontes orais tornam-se um meio pelo qual é possível trazer em cena

“construtores cotidianos da história que têm deixado poucas marcas de como vivem, sentem, experimentam, desejam, sonham, pensam o

⁵ - Idem. p. 10.

presente, o passado e o futuro.”⁶

Nesse sentido, apesar dos problemas e as circunstâncias que envolvem a sua produção, as fontes orais utilizadas no trabalho com as classes populares constituem-se em possibilidades efetivas de produção de um vasto campo documental distinto dos demais.

O que acontece, no entanto, é que depois de produzidas e utilizadas em seus propósitos iniciais, essas fontes perdem o seu valor de uso, tornando-se dispersas nas instituições junto aos pesquisadores individualmente. Uma solução para esse tipo de problema seria a socialização desse material, centralizando-o em arquivos e instrumentalizando-o para futuros aproveitamentos.

Nesse aspecto, o CDP tem correspondido aos seus objetivos, uma vez que se propôs ao arquivamento das fontes orais, ainda mais sendo um Centro basicamente composto por documentos populares. Embora possa não ser um modelo, porque apresenta uma série de problemas de ordem física, estrutural, humana e financeira, tem dado a sua contribuição em vários trabalhos acadêmicos, como monografias, dissertações de mestrado e até mesmo tese de doutorado.

Esses acervos, portanto, são extremamente necessários, uma vez que suscitam indagações quanto ao seu reaproveitamento (o trabalho retratado no segundo capítulo pretende cumprir essa função) pois, via de regra, abrigam diferentes formas de registro. Os depoimentos do tipo dirigidos, atrelados a

⁶ - MONTENEGRO, Antônio T. “História Oral: Caminhos e Descaminhos”. In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 13, n. 25/26. SP. ANPUH/Marco Zero, 1995. p. 64

questionários fechados são mais restritivos à reinterpretação, ao passo que as histórias ou relatos de vida, devido a sua liberdade e espontaneidade, adquirem potencialidades imprevistas no projeto original de coleta.⁷

Procurando, portanto, analisar os conteúdos dos documentos intercruzando-os às discussões teóricas, buscamos identificar os sujeitos, que elementos existentes ali podem ser utilizados por outros pesquisadores, que “problemas” elas estão sugerindo para a contribuição do acervo, etc.

Considerando que as fontes produzidas sobre o passado da cidade, em quase sua totalidade privilegiam a ótica dominante, essa documentação oral⁸ contribui para registrar a voz de setores diversificados da sociedade, revelando a existência de sujeitos com um passado carregado de registros singulares. São militantes, pessoas comuns, portadores de vivências realizadas em tempos e espaços, por vezes diversificados e que se cruzam, se chocam e se encontram nos espaços da cidade, em movimentos partidários, sindicais, no bairro, no trabalho, na construção, como seu próprio espaço de luta, de convivência e de resistência.

Por isso, durante o trabalho de análise dos conteúdos das entrevistas, percebemos que as possibilidades de pesquisa e a diversidade de temáticas foram se ampliando a cada momento, isso porque através das falas desses

⁷ - JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. “História Oral: uma Utopia?” In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 13, n. 25/26. SP. ANPUH/Marco Zero, 1995. p. 15

⁸ - Os documentos analisados nesta pesquisa foram doados ao CDP pelas Prof^{as}. de História da Universidade Federal de Uberlândia, Maria de Fátima Ramos de Almeida e Gizelda Costa da Silva Simonini, respectivamente frutos de uma pesquisa realizada entre os anos 82 e 86 com a finalidade de discutir o Movimento operário de Uberlândia e resgatar as experiências dos trabalhadores telefônicos e suas relações com a empresa CTBC - Companhia Telefônica do Brasil Central -, no período compreendido entre os anos 54 a 80.

sujeitos foi possível perceber as inspirações, frustrações, valores e necessidades não somente individuais, mas dos próprios movimentos por eles vivenciados. E talvez, o que é mais importante, como conseguem criar e recriar mecanismos e saídas para questões prementes e cotidianas, muitas vezes adversas.

No intuito de incorporar as fontes orais ao acervo geral do CDP, bem como facilitar o acesso ao conteúdo das entrevistas, também optamos por separá-las em linhas temáticas. Dentre elas podemos destacar: o processo de urbanização, migração, trabalho, cultura popular, movimento estudantil, partidos políticos, economia, Igreja, sindicatos, educação, etc.

O trabalho com as fontes orais requer um conhecimento maior porque exige do pesquisador o mínimo de informação e leitura a respeito de assuntos prementes e que sem dúvida aparecem nos conteúdos das entrevistas. Portanto, várias leituras têm sido obrigatoriamente exigidas e realizadas, como por exemplo: cultura popular, Igreja, família, classe operária, política brasileira, educação, leis e principalmente, sobre a história local.

Para que pudéssemos cumprir os objetivos e refletirmos sobre as questões propostas, realizamos diversas atividades no sentido de dar suporte teórico à pesquisa, mesmo porque as discussões acerca da utilização de fontes orais como documento histórico ainda são parcas, com isso vão surgindo problemas de ordem metodológica.

Para tentar solucioná-los, organizamos uma oficina de História Oral, com reuniões semanais acerca do assunto. É interessante ressaltar o valor destas

reuniões para o enriquecimento teórico, uma vez que vários pesquisadores, que também lidam com fontes orais, contribuem para a discussão através de seus trabalhos concretos e as diversas posições adotadas.

Além disso, é o espaço que nós criamos para tomar contato com a bibliografia existente sobre o tema. Isto nos tem permitido um contato interdisciplinar, principalmente com o campo da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, bem como o conhecimento técnico dos procedimentos a serem seguidos.

CAPÍTULO II

PEDAÇOS DA HISTÓRIA: VOZES, TESTEMUNHOS E FRAGMENTOS

“Lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”.

Halbwachs e Bartlett

O trato com as fontes orais foi feito de forma que após realizadas as transcrições, os depoimentos fossem digitados e arquivados. Este procedimento visa permitir um manuseio mais fácil do material, uma vez que elimina o uso de gravadores, além de tornar possível uma conservação mais longa e eficiente da fonte documental, que poderia ser danificada com o passar do tempo, dada a fragilidade das fitas cassetes e sua exigência de condições especiais e dispendiosas de armazenamento.

A fonte oral passa a ser um documento escrito a partir das transcrições, no entanto, sua vantagem em relação à outros documentos escritos consiste em poder ser confrontado com o original - a gravação - sempre que a ocasião exigir. Essa documentação encontra-se arquivada no Centro de Documentação Popular e aberta à consultas.

As entrevistas aqui incorporadas estão contempladas nas temáticas. Este procedimento ajuda na compreensão dos capítulos, uma vez que fornece uma visão panorâmica dos conteúdos das entrevistas possibilitando um contato maior com outros aspectos, que não aqueles basicamente sobre a questão educacional

(que será mais detalhada no terceiro capítulo).

Os depoimentos trazem em seus conteúdos elementos cujo teor vai de encontro às expectativas de se lidar com fontes quase que exclusivamente de trabalhadores não qualificados profissionalmente e, também, sem uma permanência maior nas instituições escolares.

Temos consciência que o ideal numa pesquisa é que o próprio entrevistador faça todo o trabalho de transcrição e análise das entrevistas, pois em princípio, é ele que tem as condições de realizar o trabalho de maneira que a escrita reproduza satisfatoriamente o original, haja visto seu contato direto com o informante, do material e das condições em que foram realizadas as mesmas.

Infelizmente, no nosso caso isso não foi possível de ser feito, no entanto, como já dissemos anteriormente, isso não inviabiliza o nosso trabalho. Na medida em que foram surgindo as dificuldades, procurávamos partilhá-las e solucionar os problemas dentro da Oficina de História Oral, criada justamente com esta finalidade. No momento das transcrições, tentamos tomar o máximo de cuidado para reproduzirmos literalmente as falas, respeitando os vocabulários, o estilo da narrativa, inclusive os equívocos e contradições das falas.

Para dar uma idéia dos conteúdos recortamos alguns trechos dos depoimentos a fim de despertar o interesse dos pesquisadores bem como demonstrar concretamente as diversas possibilidades de análise.

Por ter clareza da ética profissional que abarca o trabalho de investigação do historiador, foi respeitado o direito dos depoentes e resguardamos os seus

nomes. Para denominá-los, portanto, colocaremos apenas as suas iniciais. Desta forma, creio que não há prejuízo à investigação nem tampouco comprometimento quanto à análise da fonte.

Os depoimentos na sua maioria de migrantes, pessoas das classes menos favorecidas, trabalhadores cujo ofício não requer formação técnica. Há também depoimentos de outros tipos de pessoas que têm melhores condições de vida e não compartilham dos mesmos problemas que aquelas outras constantemente vivenciam.

As entrevistas com as quais trabalhamos são as seguintes:

J. A. S., 75 anos de idade, mestre de obras e ainda em atividade na ocasião da entrevista. Imigrante da cidade de Patos de Minas, chegou em Uberlândia por volta dos anos 50 em busca de trabalho.

O. M., bombeiro hidráulico, nascido no ano de 1922, em Santa Maria, município de Uberlândia. Filho de camponeses, imigrou para a cidade de Uberlândia com os pais na idade de sete ou oito anos.

J. F., motorista, natural de Araguari, nascido no ano de 1929. Veio para Uberlândia com vinte e cinco anos aproximadamente, com a família, à procura de emprego.

E. O., eletrotécnico, 45 anos de idade, nascido aos quatro de setembro de 1940, natural de Estrela do Sul, veio para Uberlândia em 1953.

Z. P. S., servente da Construção Civil, casado, natural de Patos de Minas, veio com a família para Uberlândia, na idade de dez anos.

W. G., ajudante de depósito em geral, nascido em 1928 na cidade de Uberaba, veio para a zona rural da cidade de Uberlândia aos quinze anos de idade.

L., professor de filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, nascido em 1927, veio para Uberlândia em 1958.

D. G., ex-sacerdote, natural de Uberlândia, com 63 anos de idade.

E. M. F. P., ex-telefonista da CTBC, veio de Paracatu para Uberlândia em 1981 à procura de estudo e trabalho.

MIGRAÇÃO

É um tema emergente que vem ressaltado nas falas como um todo, o que reflete o desejo dos trabalhadores que deixam suas terras em busca de melhores condições de vida nem sempre bem sucedidos:

“... vida de trabalhador, né, sempre procurando...mudar de lugar em lugar e procurando a melhorar, né”.⁹

As experiências de vida dos trabalhadores apresentam elementos comuns como as primeiras dificuldades encontradas na cidade, a adaptação, o acesso imediato à escola, um emprego digno, a discriminação, a moradia distante do centro, especulação imobiliária, bem como o acompanhamento e participação no processo de urbanização da mesma, a apropriação do espaço público, o desenvolvimento de novos laços de vizinhança, de amizade, etc.

No entanto, há casos que se diferenciam, como por exemplo, aqueles em que as pessoas migram para uma cidade em função do trabalho ou para estudar numa universidade pública. Nestes casos, embora imigrantes, as circunstâncias diferenciam substancialmente dos outros testemunhos, portanto, com exceção da adaptação, suas condições foram mais favoráveis. Ao contrário de muitos migrantes, há relatos em que as pessoas migraram da cidade para a zona rural, pois

“... a nossa situação não permitia que a gente morasse em cidade...”¹⁰

⁹ - Depoimento de J. A. S., mestre de obras.

¹⁰ - Depoimento de W. G., ajudante de depósito em geral.

Na fazenda o acesso à um dos meios essenciais de sobrevivência como a alimentação é mais fácil e garantido do que nos centros urbanos. E eles perceberam muito bem isso.

A grande maioria veio acompanhando os pais, que por sua vez vieram à procura de trabalho e estudo para os filhos.

URBANIZAÇÃO

Geralmente os depoimentos relatam a chegada na cidade de Uberlândia quando ainda não havia infraestrutura, com a esposa e os filhos e sem emprego começam a vida morando nas periferias e trazem várias questões sobre urbanização da mesma. Com riquezas de detalhes montam o cenário do bairro, de como ajudaram a trazer água e luz para a rua, bem como do crescimento da cidade, etc.

Alguns moraram em pensões uma boa parte da vida, e com a ajuda de outras pessoas bem como do patrão, através de materiais à preço de custo ou facilitado em prestações, construiu sua casa própria. Aliás, o sonho da casa própria perpassa todos os depoimentos e evidencia o desejo de ter garantido ao menos um espaço que seja só seu, já que os outros, muitas vezes, lhes são sumariamente cerceados.

Há relatos que nos conduzem a época da criação do Distrito Industrial, que trouxe empregos, conseqüentemente, melhorias na vida dos trabalhadores.

Naquela época haviam favelas como hoje, chamadas de cachoa; quase todas as casas adquiridas eram através de prestações a perder de vista. Por que, então nega-se a existência das mesmas? Já havia especulação imobiliária, mesmo em locais distantes (casa alugada por vinte anos, praticamente no meio do mato por preços considerados altos se levarmos em conta as condições de vida do trabalhador) e com a cidade em crescimento contínuo e desenfreado, poucos lucravam e muitos sentiam na pele a dureza de se viver em uma cidade grande . Os depoimentos revelam casos de pessoas que sempre moraram em bairros afastados do centro da cidade e, na maioria sem pavimentação inicialmente, trazendo valiosas contribuições ao debate acerca da especulação imobiliária da cidade de Uberlândia.

No cotidiano da vida urbana nas década de 50/60 as

“coisas era mais leve, as pessoas vivia assim mais alegre, podia deixar a casa sozinha...”¹¹

O crime era mínimo e o progresso trouxe os tóxicos, covardia e violência. Cidade antes calma e lenta, foi sendo invadida por arranha-céus e pessoas de todos os lugares, de forma que aos poucos tornou-se agitada e violenta. Devido a isso, haviam distinções na sociedade da época, tanto que os depoimentos citam um fato curioso: a Igreja para realizar os casamentos era um fator de diferenciação social, ou seja, o lado da cidade que era habitado basicamente pela classe mais abastada freqüentava a Catedral, no centro, já a classe sem posses freqüentava a Aparecida, no antigo bairro Operário.

¹¹ - Idem.

SINDICATO

Um depoimento traz a criação do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, pensado para reivindicar direitos trabalhistas como assistência médica (IAPI), Junta de Conciliação e Julgamento - criada em 59, Carteira de Trabalho gratuita e outras coisas relacionadas à assistência propriamente dita. Cita os nomes dos fundadores e dos presidentes posteriores e se utiliza de uma vasta documentação fotográfica para ilustrar sua fala. Não nega a participação dos comunistas nas lutas dos sindicatos, entretanto os considera prejudiciais, por quererem governar sozinhos, além de desordeiros e infiltradores. A impressão que se tem é a de que o sindicato em questão praticava mais o assistencialismo do que qualquer outra coisa, e também proporcionava lazer, por exemplo, na compra de um jogo de camisas de futebol.

É interessante notar que estas expressões “infiltrar, infiltração e infiltradores” são expressões comumente usadas pela classe dominante e mais ainda pela ditadura militar. Para se ter uma idéia, a construção da sede do sindicato foi realizada tanto com ajuda financeira dos patrões da cidade quanto de uma organização norte-americana.

No período Pós-Ditadura Militar, o sindicato atrelou-se mais ainda ao Estado e fugiu de tudo o que supostamente poderia ser interpretado como “subversivo” e, conseqüentemente “perigoso” .

“ ... no nosso não houve perseguição, porque estávamos filiado com a Igreja ... que nos protegia ... depois de 64 o sindicato mudou pra melhor pra o trabalhador e pra o regime político, aí a política nem perseguiu mais o sindicato. A polícia ... os militares nem perseguiu

*mais o sindicato.”*¹²

Há casos, por exemplo, em que a atuação do sindicato consistiu basicamente em servir o trabalhador quando solicitado por ele, como na utilização dos serviços de advocacia, por exemplo.

No entanto, os depoimentos também mostram exemplos de vida sindical intensa como a participação no Sindicato dos Bancários, demonstrando uma rica experiência: falando das características do sindicalismo da época, das ideologias partidárias, do caráter ideológico dos movimentos sindicais, do trabalhador usado como massa de manobra pelos sindicatos, das atuações e resultados práticos obtidos através do sindicato, onde todos se uniam para reivindicar salários e outros movimentos colaterais (assistenciais). Grande poder de força junto à classe patronal. Outros sindicatos eram menos atuantes no seu dizer:

*“o Sindicato dos Bancários era a classe líder dos movimentos operários”.*¹³

Talvez falar em massa de manobra para caracterizar o trabalhador seja o mesmo que negar o seu papel de sujeito histórico responsável pelas transformações da sociedade, e de uma forma ou de outra contribuir para preservar e perpetuar o discurso dominante.

Há registro da existência do Movimento Sindical Rural com sede em Centralina bem como da Liga Camponesa na região com sede em Cruzeiro dos Peixotos, trazendo referências sobre os latifúndios da região e os problemas da terra.

¹² - Idem.

¹³ - Depoimento de L., professor.

O sindicato dos telefônicos (SINTTEL) trazem como bandeiras de luta: salário, facilidade na troca de turnos, plano de carreira, direito à casamento e filhos para as mulheres, sendo que houveram algumas conquistas nestas reivindicações, apesar de ser um órgão sem representatividade no princípio. Relação assistencialista, depois mais atuante a ponto de sofrer ataques pela direção da empresa. Fala também da participação de uma advogada no sindicato, como um respaldo político de reivindicação na justiça. A depoente foi sindicalizada e atuante tanto que sua participação na greve foi a causa de sua demissão. Este fato traz várias contribuições acerca do movimento grevista em Uberlândia.

POLÍTICA

Comemoravam o 1º de maio através de concentrações, reivindicando trabalho, salário, etc. Candidato a vereador por força de “influência trabalhista”, por um partido de direita.

“... naquela época o PTB tava muito invadido ... infiltração comunista ... e eu tinha medo, vim pra o PRT, coligado com a UDN porque aí eu não sofreria nada ... como o Josué, que pegaram ele e quase acabaram com ele.”¹⁴

Não se pode negar o impacto de um acontecimento não esperado como o golpe de 64, o que sugere o pavor e o medo de se candidatar por um partido onde supostamente haviam os inimigos mais temidos e combatidos pela ditadura - os

¹⁴ - Idem.

comunistas.

Denuncia fraude na eleição, ao perder por dois votos para o dono de um jornal local de grande influência na cidade. Questiona o valor do político pelo que ele ganha e não pelo seu poder de atuação. Política como “auxílio financeiro”.

Muitos deles não conseguiam disvincular a questão da política partidária, no entanto, há depoimentos que demonstram que fazer essa diferença é possível para a classe trabalhadora na medida em que a participação em outras esferas onde o poder também está presente faz parte de suas vidas, como por exemplo, ter consciência e sensibilidade diante dos problemas referentes aos maus tratos dispensado aos pobres pela polícia ou pelos coronéis, onde acabou amadurecendo tais idéias e pensamentos através do Partido Comunista.

“O partido não dá tudo de uma vez, ele dá através de luta”.¹⁵

Pode-se perceber o sentimento de participação e de mobilização, bem diferente do “assistencialismo”, tanto que nutre um sentimento de fidelidade aos ideais do partido. Além disso traz referências à participação de mulheres com um passado de luta dentro do Partido Comunista no Brasil.

É interessante também perceber referências ao Coronelismo e suas práticas em Uberlândia.

Há falas que contam sobre dois partidos políticos da cidade na década de 50 - Tocões (PSD) e Curió (UDN). Já o Partido Comunista influenciou a criação de vários sindicatos, associação das mulheres e outros movimentos. Retrata, também, o cotidiano e a organização do Partido Comunista em Uberlândia,

¹⁵ - Depoimento de O. M., bombeiro hidráulico, militante do Partido Comunista de Uberlândia.

citando o exemplo deles próprios. Trazem elementos que possibilitam resgatar o passado de clandestinidade dos militantes (portador de várias identidades), da trajetória, do crescimento e da grande vitória nas eleições municipais de 45.

Além disso, sugerem a contribuição da Igreja para o cenário político nacional:

“... de movimentos da Ação Católica nasceram alguns militantes de ... movimentos políticos .”¹⁶

A Ação Política é vista como um grupo de revolução, cujos membros reuniam-se na clandestinidade em 64 para tomar o poder. POLOP - Partido da Libertação Proletária, um segmento do Partido Comunista. O Golpe recebeu apoio de grande parte dos membros da Igreja Católica. Doutrinação marxista do diretor de um ginásio da cidade, tanto que Uberlândia passou a ser conhecida como a “Moscou brasileira”. Grande influência marxista na cidade.

Os depoimentos falam também do descrédito na política partidária, quando muitos dizem não gostar de política, não acompanham, não gostam e votam por obrigação. Outros se sentem desinteressados e alguns acham que nos velhos tempos até compensava, mas hoje... Existe uma reprodução do discurso dominante freqüentemente usado pelos getulistas como deixa transparecer:

“... era o melhor governo que tinha, né ... porque ele olhou muito pela classe operária ...”¹⁷

Algumas pessoas recebiam respaldo da categoria ao se candidatar, mas não era unânime. Há um caso em que ao ser eleito primeiro suplente a deputado,

¹⁶ - Depoimento de D. G., ex-sacerdote.

¹⁷ - Idem.

julga não ter “vocação” para tanto, mesmo porque

“... eu me julgo um pouco teórico, um pouco ingênuo, eu não tenho a devida malícia e versatilidade para ser um político...”¹⁸

Os depoimentos trazem elementos referentes à greve da Construção Civil e opiniões sobre o significado político de greve, além disso vão retratar também a greve dos motoristas em 1952, sobre os comentários da época, etc. A atuação do político naquele momento e de um especialmente - Geraldo Ladeira.

É interessante notar a consciência do quanto foi amplamente utilizado pela classe dominante o movimento do Partido Comunista como bode expiatório para todos os males ocorridos, o que fica explícito nestas palavras:

“... que aquele quebra-quebra na verdade já tinha um fundo político também. A gente sabe que naquela época, já foi acusado os comunistas, né... eu naquela época não sabia nem o que era comunista também, né... só que naqueles tempo, só das pessoas, é, se colocarem politicamente do lado do trabalhador era acusado de comunista...”¹⁹

Um outro depoimento retrata bem a visão geralmente distorcida de comunista:

“... cê é louca, mexer com isso, isso aí é ser comunista e comunista tira criança do pai.”²⁰

Fato curioso é quando percebemos que há uma dissimulação, ou seja, ninguém se lembra ou não quer falar à respeito. Isso acontece tanto em relação ao Golpe de 64, quanto ao Quebra-quebra de 59, porque nos dois casos supostamente os comunistas estavam envolvidos e a polícia não perdoava quem estivesse aliados a eles. Por isso, são inúmeros os casos onde não se lembram

¹⁸ - Idem.

¹⁹ - Idem.

²⁰ - Comentários das colegas de trabalho quanto à participação em sindicatos.

das mudanças ocorridas por ocasião do golpe militar de 64.

“Não, ô Fátima, de mudança assim... eu não recordo quase nada. É aquele negócio que a gente fala, às vez até a gente sabe, mas assim se mexer nele, a gente não recorda...”²¹

EDUCAÇÃO

Há relatos onde o pai via-se obrigado a pagar escola para seus filhos por falta de vaga em escola pública, onde só “filho de papai” estudava, enquanto que ele mesmo aprendeu a ler e escrever através da educação informal, ou seja,

“aprendi panhando jornal na rua e lendo, e aprendi matemática porque era preciso, porque matemática é ... dois vez dois são quatro.”²²

A maioria deixa a escola ainda criança para trabalhar, aprendendo a ler e escrever em outros locais que não as instituições escolares de ensino, posteriormente voltando ao ensino formal e às vezes não, devido à dificuldade de trabalhar de dia e estudar à noite. Alguns falam sobre alfabetização de adultos.

“... não tinha escola não, ué. Naquele tempo o pobre era proibido de estudar, né.”²³

A questão é que ainda hoje, e não se sabe até quando, o povo sempre se descobre proibido de estudar. O fato de não ter muita instrução, para alguns fortalece a relação de dependência com outras pessoas mais instruídas.

Havia vários tipos de discriminação através da educação, onde só os filhos

²¹ - Idem.

²² - Idem.

²³ - Idem.

homens estudam quando os pais têm condições financeiras, à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos, o que não pressupõe ensino.

“Mulher era só pra criar criança, casar e ficar na cozinha.”²⁴

A maioria lê e escreve razoavelmente, sempre aprendendo fora da sala de aula; os filhos por sua vez concluem até mesmo a faculdade, o que demonstra qual valor que se dá ao ensino formal para garantir sucesso profissional. Há relatos de pessoas que fizeram curso por correspondência e quando não tiveram oportunidade de estudar deixam que seus filhos apenas estudem, não permitindo que os mesmos trabalhem.

“Eu tô pelejando pra eles formar em alguma coisa que eles puder conseguir no estudo, né”.²⁵

Nesse tema é possível, também, recuperar as experiências de aprendizado informal no próprio trabalho, onde geralmente as pessoas param de estudar para trabalhar e ajudar a família, mesmo valorizando e gostando dos estudos. Nesse caso, aprendeu eletrotécnica na prática.

Como a grande maioria dos entrevistados que procuram a cidade grande são pobres, o acesso e até mesmo a disponibilidade de tempo para ingressar na escola torna-se impraticável. A dificuldade maior é que estas pessoas necessitam trabalhar, daí nem os filhos mais novos são poupados.

“tive que começar a trabalhar bem... muito cedo pra ajudar a minha mãe que era viúva, né.”²⁶

Diferentemente da maioria trabalhamos com três depoimentos cuja

²⁴ - Idem.

²⁵ - Depoimento de E. O., eletrotécnico.

²⁶ - Depoimento de Z. P. S., carpinteiro da Construção Civil.

educação formal foi garantida. Um deles formou-se no Rio de Janeiro em Direito, Filosofia, Letras e um pouco de Teologia. Dá aulas na faculdade e vê o magistério como formação de mentalidades. Um outro teve seus estudos primários em Uberlândia, sete anos no seminário menor e mais sete anos de filosofia e teologia em Belo Horizonte, com grandes oportunidades de aprendizado. Há ainda a dificuldade básica em conciliar o trabalho com os estudos, no entanto, quando se tem mais condições ainda é possível mesmo que seja desgastante, como este caso:

*"...nunca que a gente pode fazer um curso bem feito quando a gente tá trabalhando, né."*²⁷

TRABALHO

Todas as obras realizadas e citadas em alguns dos depoimentos são grandes e famosas, como se quisessem resgatar a sua própria importância na sociedade. O trabalhador, principalmente o migrante, está submetido à inúmeras perdas. Desta forma ele é entregue à

*"engrenagem econômica da qual não pode escapar, com isso sujeita-se à monotonia de gestos repetitivos da produção parcializada, que requer atenção mas pouca imaginação e memória ... reforçando a percepção e o sentimento da necessidade de ser incluído no espaço da sociedade em que vive, sob pena de converter as perdas numa irreversível: a da própria humanidade, invalidada pela sensação de incompetência."*²⁸

²⁷ - Depoimento da ex-telefonista da CTBC.

²⁸ - CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência**. 4ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1989. pp - 38/39.

Tratam de assuntos abordando a mulher trabalhadora, costureira, esposa e mãe, dando sua contribuição para complementar o salário da família. Vencer na vida é sinônimo de poder consumir, ter dinheiro.

Trazem elementos acerca da exploração do trabalho infantil. Empregado nas fazendas dos coronéis. Também procuram salientar sua importância citando as obras que realizou, o que fica claro nesta frase:

“... acho que não tem essa casa que eu não entrei pra prestar serviço.”²⁹

Há muitos elementos referentes ao trabalho, especialmente o de telefonista. A fonte terá como eixo a sua admissão, permanência e demissão na CTBC, uma empresa telefônica de grande porte na cidade de Uberlândia. Traz elementos referentes à política ideológica da empresa, de sua expectativa e experiência em relação ao primeiro trabalho, do revezamento obrigatório de turnos. Há elementos de fiscalização rigorosa do trabalho (Taylorismo), bem como da pressão por produtividade, criando entre os operários um clima de competitividade e de rivalidade (desmobilização da classe). Não haviam muitas demissões, mas também não havia plano de carreira. Punições às telefonistas para cada reclamação pública do serviço. Trabalhou mais tarde como professora e vai falar, portanto, sobre o papel do professor na sociedade. Vai traçar também um perfil do dono da CTBC na época, o Alexandrino Garcia. Fala da CIPA como um órgão “pelego” dentro da empresa, sem representatividade entre os funcionários.

²⁹ - Idem.

Num dos depoimentos podemos perceber referências a um tipo de trabalho bem remunerado na nossa sociedade com o de ser bancário, depois de aposentado, descobriu que sua verdadeira vocação era o magistério.

No entanto, este discurso de magistério como vocação e não como profissão vem legitimar várias práticas da classe dominante em relação aos professores no que tange à salário, autonomia, repasse de verbas, e outras coisas mais, desencadeando o que temos hoje em matéria de ensino público.

É interessante notar que há uma certa clareza em relação à condição injusta pela qual o trabalhador imigrante, geralmente pobre, sem instrução, ou melhor, de *"pouca cultura"*³⁰ tem que se sujeitar no momento de arranjar seu primeiro emprego. Normalmente a maioria começa como servente da construção civil, como em vários casos, trabalhando também como carpinteiro, empreiteiro de carpintaria e mestre de obras. Diferença, principalmente de salário, entre "trabalhador desqualificado" (sem estudo, braçal) e o "profissional" - utilizando de suas próprias palavras.

O depoimento traz um pequeno desabafo do que é ser um trabalhador da construção, que planta e alimenta o povo e demonstra muita mágoa por não ver reconhecido seu trabalho e seu esforço, mas também uma grande vontade de vencer. Fala da enganação que é o "Operário Padrão" e, por fim, do reconhecimento da sociedade para com esta categoria trabalhista.

Com relação aos direitos trabalhistas ele vai dizer:

"... a gente trabalhava assim, o trabalhador da Construção Civil, ele

³⁰ - Palavras de um carpinteiro da Construção Civil para caracterizar a maioria dos trabalhadores que chegam à cidade grande sem instrução escolar.

é ... o subemprego, né. A gente trabalha, às vezes assim, três meses registrado, trabalha um ano sem registrar, às vezes até mais...”³¹

Naquela época, a lei não era tão rigorosa com relação ao registro na carteira de trabalho, de forma que não haviam muitas firmas registradas e os trabalhadores não tinham estabilidade no emprego. A rotatividade no emprego é denunciada pelo número de carteira profissional (duas ou três para cada um), onde todas ficavam completamente preenchidas por firmas das mais diversas localidades, como São Paulo, Goiânia e até mesmo Brasília. Apesar disso, fala também da dificuldade em se aposentar por tempo de serviço, uma vez que nem sempre foi registrado nos locais por onde trabalhou e nos locais onde foi registrado permaneceu por pouquíssimo tempo.

SAÚDE

Atendimento dificultado pela distância, postos de saúde deficientes, ambulância precária, o atendimento dos pobres nos hospitais quando ocorria era mais por caridade. Espera nas filas, atendimento precário, sendo obrigado a pagar uma operação por falta de atendimento, ou seja, precisando ir atrás de serviços particulares devido à ineficiência do serviço de saúde pública. Problemas derivados da LER (lesão por esforços repetitivos), como dor de ouvido, dor de cabeça, tontura problemas de coluna (má postura), problemas mentais, vida social

³¹ - Idem.

prejudicada pela sobrecarga de trabalho causando stress.

A lei diz que a saúde é um direito fundamental, entretanto deixa muitas dúvidas, pois na maioria das vezes isso não é garantido.

Por outro lado, existem os convênios médico e odontológico para o Sindicato dos Bancários com a Sociedade Médica, IAPB, melhora da qualidade e do preço.

DIREITOS HUMANOS

Militantes comunistas desaparecidos em 47, muitos foram presos, torturados e/ou exilados. Policiamento muito rígido:

“... qualquer coisa eles tavam batendo, isso a gente sabia, né, que eles pegava e batia muito.”³²

A força policial, o poder coercitivo da farda sempre foi amplamente utilizado para controlar as pessoas e não foi diferente naquele momento.

Trazem depoimentos sobre um companheiro, o presidente do Sindicato da Construção Civil, que foi acusado de comunista, caçado, perseguido e capturado, sofrendo, inclusive, perseguição política e profissional.

Por ocasião do golpe de 64, muitos militantes da Ação Católica foram prestar depoimentos. Não houve presos deste movimento aqui na cidade, como em outros lugares. Padres que incentivavam o Movimento Sindical Rural foram

³² - Depoimento de J. F., motorista.

presos. Na repressão militar, vários estudantes locais sofreram lavagem cerebral. Repressão na década de 40.

Levantam sérias questões acerca de injustiças cometidas contra os empregados que fazem greve. Perseguições, demissões e más referências para futuros empregos. Cerceamento do direito de ser mãe, dentre outros.

ECONOMIA

O salário em 1950, como hoje não cobria as despesas, o que denota a teimosia das pessoas em sobreviver à situações financeiras bem precárias. Para alguns a década de 60 foi fácil de sobreviver, o salário era real e o poder de compra maior.

Contém depoimentos bem interessantes acerca do significado, das práticas e vantagens do corporativismo, bem como de seus métodos e suas aplicações na economia do país.

Algumas fontes fornecem elementos que possibilita vincular o desenvolvimento de cidades como Uberlândia e Goiânia a partir da construção de Brasília, trazendo prosperidade para a Construção Civil e citam o primeiro edifício de Uberlândia - o Tubal Vilela, a reação da população diante do "progresso" da cidade. Evidenciam os períodos cíclicos de crise e estabilidade econômica, onde a oferta de mão-de-obra era maior do que a de empregos, contribuindo para o

fator imigração e a época das “*vaca gorda*”³³ Tratam da questão salarial da época, com moeda estável, o custo de vida razoável. Por fim, colocam Brasília como responsável pela corrida inflacionária na década de 50 e tecem pormenores para justificar isso.

Há elementos para retratar o quadro econômico da época na cidade, o mercado de trabalho, comparações de empresas, tarifas telefônicas (idoneidade no serviço de medição de ligações dos usuários), CTBC como empresa no ramo da telecomunicações e mundialmente rentáveis. Falam também em crise nacional pós-regime militar.

FAMÍLIA

Tradição religiosa do Catolicismo.

Filho problemático, conflitos familiares. A família não participa de movimentos políticos, além dos problemas causados pelo fato de freqüentarem religiões diferentes.

Trazem elementos sobre o divórcio, a tentativa de viver bem num segundo casamento, a dificuldade com os filhos problemas.

Falam também sobre os papéis representados pelos membros da casa: ao homem cabe prover o sustento da família, à mulher cabe os serviços domésticos,

³³ - Expressão utilizada por um carpinteiro da Construção Civil para fazer alusão ao período do Milagre Econômico.

ajuda em casa e aos filhos obedecerem e não darem trabalho.

Adaptação da família em relação à rotatividade de emprego do “chefe” , causando insegurança nos membros por causa da instabilidade tanto profissional quanto política, da precariedade financeira, levando-se em conta o número elevado de filhos, etc.

Desde cedo, alguns carregaram sobre os ombros o peso de “chefiar” sua família, ou porque o pai morreu ou porque não podiam sobreviver sem a ajuda de todos os membros da família:

“... minha mãe viúva, eu com... sendo filho mais velho, quer dizer... sendo quase o responsável por tudo, né”³⁴

O casamento aparece muitas vezes como um valor na vida dessas pessoas, muitas vezes porque significa uma cumplicidade na arte de sobreviver neste mundo tão desigual.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Naquela tempo, o rádio era tido como o veículo de informação mais eficaz da época, bem maior que os jornais, porque muito mais utilizado, tanto nas classes pobres quanto nas ricas. Um dos depoimento sugere omissão de informações a respeito do quebra-quebra de 59, o que pressupõe a defesa de outros interesses por parte das rádios locais e nos leva à refletir sobre o papel

³⁴ - Idem.

que os MCS - Meios de Comunicação de Massa - tem na nossa vida atualmente, na medida em que adentram as nossas casas instituindo padrões, valores e conceitos, muitas vezes incompatíveis com o nosso modo de vida.

RELIGIÃO

Um depoimento fala sobre o espiritismo em Uberlândia, que é expressivo. Em outro momento, traz referências ao espiritismo, embora não tenha bem delineado a diferença entre ambas as religiões, talvez porque o importante é a fé e não a instituição religiosa propriamente dita. Pode-se observar isso quando ele diz que:

“... a religião espírita segundo a gente vê nas estatísticas, é quase igual, né”³⁵

No entanto, a maioria parece ter tido grande influência da Igreja Católica, pois os discursos são de pessoas participantes de algum movimento religioso.

Há casos em que a participação foi na Ação Católica, cujo depoimento foi o do ex-padre. Este depoimento é rico em detalhes sobre a Igreja Católica e seu funcionamento, portanto ele vai traçar um pequeno perfil do que foi a Ação Católica, sua atuação no âmbito da sociedade, etc. Cita e discute algumas Encíclicas como a Rerum Novarum, Populorum Progresso, Quadragésimos Anos, etc. Os movimentos JOC - Juventude Operária Católica, JEC - Juventude

³⁵ - Palavras de um ajudante geral de depósito referindo-se à semelhança entre as religiões Espírita e Católica.

Estudantil Católica e JUC - Juventude Universitária Católica. Fornece uma vasta informação sobre o Concílio Vaticano II, a efervescência e as conseqüências dele para a época, para a Igreja Católica, para as pastorais. Os germes da Teologia da Libertação, a reestruturação do modo de ser Igreja. Religiosidade popular, pluralismo de crenças. Questionamento das práticas da Igreja. A Ação Católica, sua fundação, seus propósitos. A mudança na vida dos seminários, o que ficou, o rigor na disciplina. O racha entre conservadores e progressistas no seio da Igreja Católica e as conseqüências disso para a sociedade como um todo. A hierarquia eclesiástica da região e suas posturas políticas. A realidade religiosa da cidade na época. A divisão da arquidiocese, tecendo explicações do que é uma arquidiocese, o papel do arcebispo, etc. As alterações litúrgicas e estruturais pós Concílio Vaticano II. Domínio predominante da Igreja, apesar das alterações ocorridas e prejudiciais, de certa forma para a hegemonia religiosa e política. Encíclicas. Fé. Cursilho de adultos, rompendo com as estruturas de dominação da Igreja; sua experiência de participação em tal movimento. Filosofia Tomista dos Dominicanos × Filosofia dos Jesuítas. Tempo de conflito. Censura, livros proibidos, index. Medellin e Puebla. Movimento litúrgico, transformações nos ritos, língua e vestimentas das celebrações. Família com Deus pela Liberdade, apoio ao Golpe e a Campanha do Rosário em Família. Fala que os padres na história de Uberlândia foram conservadores em sua grande maioria.

Explora também alguns aspectos do movimento chamado JOC, o mais veemente do ponto de vista político, com forte tendência à sindicalização.

Retrata ainda as CEB's - Comunidades Eclesiais de Base - como um desdobramento da Ação Católica em pastoral.

A partir da fala de um outro depoente, pode-se perceber a atuação da JOC nos movimentos sociais bem como sua suposta vinculação com os comunistas, aspecto negado/desconhecido na entrevista. Além disso, faz um apanhado geral e denso sobre o movimento e a influência do golpe de 64 em sua estrutura, demonstrando a ligação estreita entre a Igreja Católica com a JOC, um movimento internacionalmente organizado, de forma a propiciar consciência operária, tendo o Cristo como centro, ou seja, a religião dando sentido à luta. Solidariedade entre as pessoas fora ou dentro do movimento. Fala também da ACO - Ação Católica Operária e de seus ensinamentos de revisão de vida a partir do Método Ver, Julgar e Agir.

MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES

Movimento Estudantil - Membro participante da UNE - União Nacional dos Estudantes e da UME's no Rio de Janeiro. Traça um perfil detalhado das atividades por eles desenvolvidas, das lutas encampadas, das bandeiras, das reuniões e discussões travadas dentro do movimento e suas atuações frente aos problemas de sua época.

Movimentos populares - Organização para a construção de sede de reuniões, compra de lotes e mobilização popular.

Quebra-quebra de 59 - Os depoimentos vão trazer vários comentários acerca deste episódio, da participação dos saqueadores dos armazéns, das lojas; do confronto da população com a polícia, tiroteios, bala perdida, extraviada, pancadaria, morte. Houve represália por parte da prefeitura sobre a população através do aparato militar apesar de terem dito que não haveria (o autor desta garantia foi o próprio prefeito Geraldo Ladeira). Falam também sobre o papel desempenhado pela polícia no quebra-quebra de 59.

Para alguns significou bagunça, medo, tanto que dizem não conhecer ninguém que saqueou, e não se lembrar de quase nada do fato.

“É a esquerda que causa escândalos, porque insiste em contrariar a ordem natural das coisas. Como a ordem natural com o poder dos mais fortes sobre os mais fracos, a culpa da esquerda é também ser fraca e parte dos fracos; sempre levantar “armas” contra o céu e nunca conquistá-lo”.³⁶

O esquecimento e o silêncio nestes casos são muito eloqüentes, pois indiretamente quer insinuar a associação do fato com desordeiros, supostamente representados pelos “comunistas”, daí a amnésia. Não se vê nada, não se conhece ninguém, não se sabe de coisa alguma.

O depoimento de um comunista nega a participação destes no caso:

“... nós somos contra destruir aquilo que o povo constrói ... tentaram arrastar o nosso partido como o responsável, mas não era.”³⁷

Círculo Operário - Os depoimentos trazem bastante elementos referentes ao Círculo Operário, neste caso, como um local disponível para se fazer as reuniões do sindicato, mesmo porque um dos fundadores do Círculo Operário em

³⁶ - PORTELLI, Alessandro. “O Massacre de Civitella Val Di Chiana” In: Marieta de Moraes e Janaína Amado (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. FGV. Rio de Janeiro, 1996. pp - 115

³⁷ - Idem.

Uberlândia também foi um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, o que sugere a influência católica em tal movimento. Assistencialista e atrelado à classe patronal.

Num outro depoimento, no caso do ex-padre, o Círculo Operário aparece com uma conotação assistencialista, apesar de que alertou a Igreja para o problema sindical. Há elementos que indicam um certo descaso dos padres para com o movimento.

Além disso, tecem várias referências quanto às atuações, participações, das reuniões, da contribuição que o movimento deu à sociedade. Através disso, pode-se conhecer um pouco mais acerca do funcionamento e das práticas do Círculo Operário em Uberlândia. Posição bem definida da diferença de linhas políticas entre os movimentos dos circulistas e comunistas, respectivamente: sindical pró-religiosa × governo.

As entrevistas analisadas nos permitiram visualizar o universo de vários movimentos sociais da cidade, sendo que no interior de cada tema vislumbram-se enormes possibilidades de pesquisa ao intercruzar a memória individual, repleta de valores e juízos próprios, de experiências singulares, com a memória coletiva, da qual estas fazem parte. Este cruzamento nos possibilita repensar e reelaborar as evidências acerca dos fatos históricos.

Para a análise dos conteúdos, trabalhamos separadamente as várias questões que apareceram no decorrer das falas. No entanto, esta separação foi

realizada basicamente com o propósito de permitir um maior acesso às transcrições, até porque para serem arquivadas há de se fazer um fichário contendo as informações necessárias sobre cada uma delas. portanto, este procedimento não pretendeu fragmentar o estudo, mas demonstrar, minimamente, as suas várias possibilidades a partir de uma única fonte.

É importante frisar que a maioria das entrevistas buscam elementos referentes aos anos de 54 a 74 aproximadamente, mas foram realizadas nas primeiras décadas de 80/90. Pensamos ser necessária essa ressalva por acreditar que o historiador sempre faz a história do seu presente. As questões e angústias levantadas vão, certamente, retratar os embates de seu próprio tempo.

É preciso, pois, atentarmos para esse fato se quisermos perceber quais princípios norteadores estão sendo utilizados como parâmetro para a condução da entrevista e para sua discussão. Ou seja, perceber o que está respaldando suas questões, seus problemas e suas reflexões, bem como atentar também para as formas com que estamos levantando e organizando os temas presentes nas entrevistas e até mesmo lidando concretamente com eles na pesquisa sobre a educação informal dos trabalhadores em Uberlândia, trabalhados no terceiro capítulo.

Isso porque o trabalho do historiador é norteado por um compromisso político com a sua realidade e, desta forma,

“quando a questão do tratamento das fontes escritas parece momentaneamente resolvida, o trabalho com as fontes orais nos traz de volta a reflexão sobre o mesmo.”³⁸

³⁸ - ALMEIDA, Leila. “Trabalho no CDP: relato de experiências e perspectivas de reflexão”. Monografia defendida em dezembro de 1995. Uberlândia - MG

É o caso, então, de pensarmos se as fontes orais requerem um outro tipo de enfoque, de diálogo. Talvez não haja uma resposta conclusiva, até porque a documentação oral é uma área de trabalho e discussão que vem crescendo em importância entre os pesquisadores no Brasil, principalmente a partir dos anos 70, e envolve ainda questões bastante polêmicas, o que nos força a estar sempre atentos a esse debate, além de possibilitar reflexões mais amplas acerca da natureza e implicações do trabalho com essa forma de linguagem e documentação.

A importância desta questão está em tentar despertar as pessoas para a necessidade de tratar as fontes orais como documentos iguais a quaisquer outros, passíveis de interpretação, até porque ela pode ser vista como uma expectativa de mão dupla. Por um lado, corremos o risco de absolutizar os sujeitos, as falas e quem fala, em detrimento da produção historiográfica já posta, chegando até mesmo a desprezar e/ou combater tais produções, supervalorizando a História Oral, como se ela fosse o único e o melhor caminho para se problematizar os fatos históricos. Por outro lado, é positiva no sentido de que as entrevistas podem incorporar elementos e evidências que, certamente, vão contribuir para reproblematicar situações já cristalizadas pela e na própria historiografia.

Com isso, devemos reforçar a credibilidade das fontes orais pelos historiadores, até porque muitas vezes temos dificuldade de reconhecer os testemunhos orais como fontes documentais, isso em função do estereótipo criado de se pensar em fontes como quase unicamente documentos escritos.

Posto isso, creio que podemos elaborar melhor os conteúdos das entrevistas de forma a percebermos suas características, a maneira como vivem e elaboram a realidade, além de facilitar o acesso aos temas elencados.

Os testemunhos nos permitiram visualizar o universo de vários movimentos sociais da cidade, como a criação do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, a criação do Partido Comunista Brasileiro em Uberlândia, os Círculos Operários, os demais partidos como o PTB, o PRT, a UDN e muitos outros aspectos dos movimentos da cidade naquele período.

Trazem várias questões sobre o processo de urbanização de Uberlândia, e neste aspecto vão surgindo elementos referentes à migração, habitação, saneamento básico, educação, saúde, transporte, pavimentação, Distrito Industrial e outros que irão compor o quadro da cidade nos últimos anos.

Surgem diversas versões acerca do Partido Comunista e seu papel na construção política do município. Versões favoráveis e contrárias, não só do partido, mas também dos seus membros, havendo inclusive, preconceitos por parte da população em relação à essas pessoas.

É interessante notar que quando foram entrevistadas, as pessoas sujeitas às interferências e influências da experiência cotidiana, alteravam suas idéias e concepções acerca de muitos assuntos, anteriormente experimentados e vivenciados. É o caso, por exemplo, da experiência concreta (ou não) com o movimento comunista. Muitos conseguem ter noção das manobras feitas com os comunistas de forma a se tornarem sempre os vilões da história. Entretanto,

pode-se perceber uma certa confusão quando se refere ao próprio conceito de comunismo, comunista, que não fica muito bem definido para as pessoas - os testemunhos.

Na verdade, os comunistas foram membros de um partido que traziam consigo expectativas, valores, interesses e práticas, e o que ficou naquela época para essas pessoas entrevistadas ou talvez seja o que permanece até hoje, é aquela visão, extremamente providencial mas falseada, de serem um “bicho comedor de crianças”.

Por isso, é um tanto complexo querer se utilizar da fonte oral sem submetê-la, por exemplo, a um processo de verificação e comparação, assim como fazemos com a fonte escrita.

Outro aspecto das fontes estão presentes nas questões referentes à educação brasileira, onde se deixa a escola para trabalhar, falta de vagas em escolas públicas, greves, escolas privadas. Os testemunhos orais nos deram a possibilidade de instrumentalizar e embasar a discussão, levando seus sujeitos a firmar-se na cena histórica na medida em que lançam as marcas de como foram vividos, sentidos e compreendidos determinados momentos ou acontecimentos e como eles foram transmitidos e registrados pela memória individual e/ou coletiva. Além disso, foi possível a incorporação, o registro e o levantamento de informações gerais que subsidiarão outros pesquisadores.

Questões referentes à Religião, principalmente à atuação da Igreja Católica neste período, sua suposta neutralidade, seu protecionismo, seu

comprometimento, enfim sua influência na vida das pessoas e dos movimentos. Para explorar melhor esse tema, há uma contribuição muito rica oferecida através do depoimento de um ex-padre.

Questões de gênero, como o papel familiar, social e político de várias mulheres da cidade. E aí também encontram-se elementos referentes ao mercado informal de trabalho como: as costureiras, lavadeiras, arrumadeiras, passadeiras, etc., força de trabalho utilizada para complementar o salário familiar.

As fontes, no seu conjunto, trazem enormes contribuições para a compreensão do processo econômico no Brasil, especialmente dos anos cinquenta até os oitenta. Nesse sentido, traz referências à política salarial, ao custo de vida, ao mercado consumidor da cidade, à especulação imobiliária, ao crescimento do número de bancos, enfim, à arrancada de Uberlândia como a mais rica, próspera e progressiva cidade do interior de Minas, futura “Capital do Triângulo”.

Por fim, as entrevistas estão tratando de um acontecimento local - o “quebra-quebra de 59” - de onde podemos perceber as mais variadas versões acerca do fato, mesmo que os silêncios tenham sido mais contundentes do que as próprias falas, uma vez que paira sobre esse acontecimento um mistério que não se sabe precisar muito bem.

É interessante ressaltar a importância que a História Local tem para a nossa pesquisa, e não somente para ela, é claro, na medida em que nos possibilita perceber o reflexo de um acontecimento nacional a partir de visões

particulares do fato e de suas representações.

Dentro dessas possibilidades múltiplas de temas, a educação informal se destaca, uma vez que abre espaço para discussões até então pouco exploradas pelos historiadores, e que se fazem presentes nos conteúdos das entrevistas que estão sendo incorporadas ao acervo geral do CDP.

Portanto, como desdobramento desta pesquisa, elegemos a educação como tema na perspectiva de trabalhar, em específico, com a educação informal dos trabalhadores, utilizando principalmente elementos extraídos nas próprias fontes orais do acervo. Assim, esta pesquisa continuará exercendo a função de preservação da memória popular e ampliação do acervo através da incorporação de fontes orais produzidas ou doadas ao Centro de Documentação Popular, bem como a de perceber como o processo educativo se desenvolve também de maneira assistemática e informal. Considerando aqui educação formal como aquela transmitida através da escola.

Neste sentido, a partir das fontes orais já transcritas e digitadas foi possível perceber e recuperar questões referentes à educação informal na medida em que os depoimentos foram sugestivos, pois neles se percebem experiências da vida cotidiana, em vários aspectos, onde os sentimentos, opções e ações são elaborados como experiências coletivas.

As fontes orais nos dão oportunidade de interpretar criticamente os documentos e narrativas, inter cruzando a “versão oficial” com o imaginário social resgatado nestas entrevistas, de forma que isso nos leve à repensar e reelaborar

as evidências acerca dos fatos históricos.

Este acúmulo de discussões permite repensar, reavaliar e questionar posturas acerca da História Oral e assim também contribuir para a nossa própria reflexão.

CAPÍTULO III

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS: UMA OUTRA FORMA DE EDUCAÇÃO

*"Sô, sem querê, um educadô.
Sô, sem sabê, um professô.
Sô, de verdade, um trabalhado.
Não aprendi na escola, aprendi na dô".
João Marino Vieira*

Dentre as múltiplas possibilidades de temas levantados no Capítulo anterior, destacamos a educação informal³⁹ dos trabalhadores, uma vez que abre espaço para novas discussões acerca das práticas cotidianas das classes populares. Esse tipo de prática educativa se manifesta na sistematização e divulgação de um novo modo de aprender, que emana das experiências e das relações do cotidiano dessas mesmas classes⁴⁰. É nesse sentido que tentaremos, nas próximas páginas, explicitar a educação enquanto um processo social de aprendizagem.

A utilização do material arquivado no CDP, principalmente as fontes orais, foi extremamente importante por conter depoimentos de trabalhadores - homens e mulheres - que, em sua grande maioria, tiveram um aprendizado educacional, político e profissional de maneira informal. Nesse sentido, apesar de também conter depoimentos de professores, intelectuais, empresários e outros, decidimos

* - **Revista Mundo Jovem**. Porto Alegre, ano XXVII, nº 21, out/89.

³⁹ - Entende-se por educação formal aquela transmitida pelas instituições escolares, do tipo professor-aluno e educação informal aquela que se experimenta através da participação em processos e momentos de organização e resistência. Portanto, aquela existente na prática da experiência de vida.

⁴⁰ - PUCCI, Bruno. **A Nova Práxis Educacional da Igreja (1668-1979)**. São Paulo: Edições Paulinas. 1984, p. 22

privilegiar um outro tipo de trabalhador, ou seja, aquele que não permaneceu ou tampouco frequentou os bancos das instituições escolares, abrindo, porém, uma exceção para o depoimento de um ex-padre, que contém elementos contundentes à respeito dos movimentos católicos, bastante expressivos naquele período.

Para tanto, foram selecionados alguns depoimentos de trabalhadores sem qualificação profissional escolar⁴¹, como por exemplo: servente da construção civil, motorista, mestre de obras, operário, passadeira, bombeiro hidráulico, pedreiro, carpinteiro, ajudante de depósito e eletrotécnico.

Entretanto, é preciso esclarecer que esta proposta de forma alguma quer desprezar a educação sistêmica, minimizando o seu valor enquanto um veículo que possibilita o acesso à formação integral das pessoas, de indivíduos pensantes capazes de criticar e mudar o rumo dos acontecimentos, o curso da história. Até porque a educação informal, nos termos propostos, existe principalmente por necessidade, devido à política governamental que deixou e ainda deixa do lado de fora das instituições escolares uma grande parcela da população. No entanto, isso também não deve ser motivo para delegarmos à educação escolar todo poder de realizar, ela própria, o trabalho de transformar a sociedade, pelo contrário, ela deve ser encarada como uma entre outras práticas sociais cujo efeito sobre as pessoas cria condições necessárias para a realização de transformações indispensáveis⁴². Daí o fato de privilegiarmos essas outras

⁴¹ - Nem todos os depoimentos utilizados nessa pesquisa estão inseridos no Capítulo II, onde trabalhamos as fontes de forma a elencar os temas mais emergentes das mesmas. No entanto, todos os depoimentos encontram-se arquivados no CDP para serem pesquisados.

⁴² - Cf. Carlos Rodrigues Brandão, op. Cit., p.82

práticas em nosso estudo.

O trabalho realizado com as fontes orais abriu novos caminhos de pesquisa quando percebemos a existência de um campo fértil para explorarmos a questão educacional, não aquela sistematizada, praticada nas instituições escolares, mas aquela que realiza a preservação e a transmissão de tipos de conhecimento que expressam geralmente os modos próprios de viver e de saber das classes populares.

Nesse sentido, o estudo pretende reproblematicar a questão educacional não apenas como mola propulsora ao mercado de trabalho, mas enquanto direito à cidadania, principalmente pela classe trabalhadora, que acaba sendo a mais prejudicada nessa história, se levarmos em conta que a maioria dos trabalhadores por não terem estudo formal, ficam à margem da cidadania, uma vez que o primeiro é ideologicamente assimilado e incorporado pela sociedade como precondição para que este último possa ser efetivamente exercido. Falaremos sobre isso em um outro momento.

Ao analisar o processo educacional que se desdobra, consciente ou inconscientemente, nas atividades de setores da Igreja, nas reuniões dos partidos políticos, nos cursos oferecidos pelos Círculos Operários, nos sindicatos, no trabalho, percebemos que esse tipo de educação menos oficial e menos enquadrado nos moldes professor-alunos, que se experimenta através da participação em processos de organização e resistência, perpassa todos os movimentos de uma formação educacional e social.

No caso específico de Uberlândia, que acaba não diferenciando muito das outras cidades de médio ou grande porte do país, a maioria das pessoas que passaram pelo processo migratório na região não tiveram acesso aos meios formais do ensino, alguns permaneceram cerca de dois anos em uma escola, outros nem mesmo isso, há aqueles ainda que se informaram através dos sindicatos, no trabalho, em fundos de quintal, com vizinhos, parentes etc.⁴³

*"(...) não tinha escola, né. Naquele tempo o pobre era proibido de estudar, né...Eu aprendi na casa vizinha aqui, sabe...Eu aprendi a ler ali, foi uma professora, D. Martina, uma preta. Eu trabalhava de dia e estudava de noite. Aprendi a ler. Depois eu passei a...escola primário, colégio, entendeu? Depois eu passei a participar também de escola particular...já era homem, já era adulto. Então eu sinto isso, que naquele tempo era duro, entendeu. E algumas pessoas sofreu demais, principalmente a mulher. Agora naquele tempo, os pais que podiam dava escola pros filhos mas não dava pras filhas. Mulher era só pra criar criança."*⁴⁴

*"Não tenho escola não (...) Eu aprendi a escrever o nome com os colega no trabalho"*⁴⁵

A questão torna-se mais grave quando se relaciona à mulher, pois além do preconceito machista que desqualifica o potencial intelectual/profissional da mulher, havia ainda a dificuldade em conciliar, na maioria das vezes, o trabalho, a família e o estudo.

Certamente sendo educação, trabalho e cidadania o tema privilegiado, faz-se necessário, primeiramente, o levantamento de bibliografias que servirão de embasamento teórico à pesquisa no que concerne à história da cidade e da

⁴³ - As fontes orais trabalhadas confirmam essa relação entre migrantes e educação informal, haja visto que muitos deles nunca frequentaram, e outros permaneceram pouco tempo na escola.

⁴⁴ - Depoimento de O.M., bombeiro hidráulico e militante do Partido Comunista em Uberlândia.

⁴⁵ - Depoimento de R.B.O., pedreiro.

sedimentação da indústria em Uberlândia, especialmente nas décadas de 1970 e 1980.⁴⁶

Este corte cronológico foi feito de forma a contemplar duas décadas onde se observa um intenso incentivo à industrialização e, conseqüentemente, um aumento considerável no número de indústrias espalhadas pelas cidades de grande ou médio porte do país e, particularmente, na cidade de Uberlândia. Nesse momento histórico também pode-se observar a emergência das manifestações populares por todos os cantos do país. Além disso, as fontes orais utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa trazem elementos deste período histórico.

Na primeira metade dos anos 70, no período chamado "Milagre Econômico", o governo e os empresários estavam eufóricos com os altos índices de crescimento apresentados pela economia brasileira, tanto que a propaganda

⁴⁶ - Para isso realizamos várias pesquisas no Arquivo Público Municipal, no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Fumo de Uberlândia, além dos trabalhos de Monografia e Dissertações de Mestrado:

* Revista **ACIUB: 50 anos trabalhando com amor**. Associação Comercial e Industrial de Uberlândia. Edição Extra, número especial. 1983.

* SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia**. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo. 1988.

* MOREIRA, Helvécio Domingos. **Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia**. Monografia. Uberlândia. 1991

* VIEIRA, Carlos Roberto. **O Papel do Professor nos Anos 80: uma análise a partir da reflexão de Florestan Fernandes**. Dissertação de Mestrado. UFU. Uberlândia. 1995.

* HABERT, Nadine. **A Década de 70: Apogeu e Crise da Ditadura Militar Brasileira**. 2ª edição. Série Princípios. São Paulo: Ática. 1994.

* RODRIGUES, Marly. **A Década de 80: Brasil, quando a multidão voltou às praças**. 2ª edição. Série Princípios. São Paulo: Ática. 1994.

* Foram realizadas ainda, pesquisas no CEPES/UFU(Centro de Documento e Pesquisa Sócio-Econômico do Departamento de Economia da Universidade Federal de Uberlândia) acerca da flutuação do emprego em Uberlândia no período de 86 a 97, baseado nos critérios de escolaridade, sexo, idade, faixa salarial e tempo de trabalho, para perceber o índice de desligamentos e admissões das classes populares (sem instrução escolar) nos vários setores da economia da cidade: no serviço, na construção, no transporte, na indústria. Pudemos perceber uma rotatividade muito grande em todos os setores, e em todos os níveis, cujos índices praticamente permanecem os mesmos tanto de admissões quanto de desligamentos.

oficial prometia colocar o Brasil, até o ano 2000, lado a lado com os países de Primeiro Mundo. Na verdade, não se pode negar que, nesse período, o país alcançou excelentes índices de crescimento econômico, pulando de 50º lugar entre as economias capitalistas mundiais, na década de 60, para ocupar o 8º lugar, em meados de década de 70⁴⁷. Entretanto, essa classificação escamoteou as contradições de um desenvolvimento capitalista desenfreado e desigual, na medida em que esse crescimento acarretou o empobrecimento da maioria da população, que, nesse período, recebia menos de um salário mínimo por mês.⁴⁸

Tal empobrecimento deve-se ao fato de que a política econômica da ditadura militar favoreceu a concentração e a predominância da grande empresa nacional, estatal e especialmente multinacionais em todos os setores da economia, removendo todos os empecilhos à entrada dos capitais estrangeiros e à remessa de lucros para seus países de origem, como por exemplo, criando incentivos isenções fiscais, ampliando e modernizando infra-estruturas, dentre outras. A Cidade de Uberlândia também participou dessa corrida em busca de desenvolvimento econômico desenfreado e desigual, trazendo várias indústrias para a cidade, a maioria multinacionais.

Por sua vez, as multinacionais consideravam o país uma área segura e rentável para seus investimentos, consolidando, assim, seu predomínio nas indústrias de ponta, como a automobilística, química e farmacêutica, eletroeletrônica, além da mineração e agroindústria.

⁴⁷ - HABERT, Nadine. op. Cit., p.70.

⁴⁸ - Idem. p. 12.

Ao longo dos anos 70 e início dos anos 80, com a aceleração da industrialização, o operariado brasileiro praticamente duplicou em todas as áreas. Para se ter uma idéia, na indústria de transformação⁴⁹ foram acrescentados 3,6 milhões de pessoas, 1,43 milhões a mais na área de construção e 2,5 milhões a mais nos empreendimentos de comércio e transporte.⁵⁰

No setor agroindustrial, o processo de capitalização foi acompanhado por violenta expropriação e expulsão de milhares de pequenos proprietários e trabalhadores rurais de suas terras ou fazendas, acarretando o chamado êxodo rural. Tanto no campo como na cidade, os trabalhadores viram-se obrigados a contar com a ajuda das esposas e filhos para garantir o sustento da família, sendo que os menores, obrigados a abandonar o estudo, acabavam por engrossar o contingente dos que aprenderam a se virar no mundo marginal, sujeitando à empregos mal remunerados, sem segurança ou então, sobrevivendo através de "bicos" nas cidades.

Nesse sentido é revelador o depoimento de um filho de camponês referindo-se à compra da casa própria:

*"Meu pai comprou isso aqui por um conto de réis e olha que para ganhar um conto de réis naquela época, dois ano de serviço...mas era dois ano de serviço de marido, mulher e filho e nós continuemos, minha mãe lá...no batedô lavando roupa, eu mais meus irmão catando esterco, carregando lenha pra vendê nas costa..."*⁵¹

Basicamente era pesado o fardo a ser carregado por grande parte das

⁴⁹ - Categoria na qual se insere uma grande empresa de cigarros atraída para a cidade de Uberlândia nesse período.

⁵⁰ - HABERT, Nadine. op. Cit., p. 72.

⁵¹ - Depoimento de O. M., bombeiro hidráulico.

peessoas que vinham da roça para a cidade em busca de uma vida melhor, talvez um tanto iludidas pelas ofertas de trabalho (que não eram muitas assim e nem tão gratificantes), pelos atrativos e comodidades que a vida urbana oferece. É importante nos atentarmos para esse fato, na medida em que são essas pessoas que vêm para a cidade grande e quando aqui chegam não encontram meios de viver bem, trabalhar e estudar dignamente, são elas também que procurarão em outros locais meios de aprendizagem, de participação e de inserção social.

De qualquer forma, este fato contribuiu para uma urbanização crescente e desenfreada, que aliada a vários outros fatores econômicos como concentração de renda nas mãos de poucos e às custas de muitos, a repressão aos direitos de expressão, dentre outros, levou a grande maioria da população à uma situação de vida insuportável. Esse caos abalou as estruturas sociais da época, de tal forma que diversos grupos, organizações de esquerda e operários enfrentaram o regime militar e sua política capitalista desigual, injusta e autoritária, até que o mesmo desmoronou anos depois, devido a uma série de fatores que não cabe a nós, nesse momento, discutir. Além disso, abriu caminho para que os movimentos sociais voltassem a se expressar pública e livremente depois de um longo tempo calados.

“Pelas suas novas características e pelo seu significado político, o movimento operário que emergiu nas lutas de 1978-80 representou o fato histórico mais importante da década”.⁵²

As lutas e movimentos sociais ocorridos nas décadas de 70 e 80 no Brasil, propiciaram a construção de novos espaços de socialização, uma vez que

⁵² - HABERT, Nadine. op. Cit., p.46.

proliferou diversos grupos comunitários (organizados ou não), diversos comportamentos, novas tendências culturais, etc.

O crescimento do aparelho estatal levou ao surgimento de um forte sindicalismo no setor público. Ao lado das lutas sindicais, que terão como ponto de apoio este setor (principalmente), surgiram novos movimentos sociais de reivindicação e luta em prol dos negros, das mulheres e de outras minorias, além de questões referentes ao meio ambiente, à melhoria das condições de vida urbana, etc.

Nesse sentido, pode-se dizer que a década de 80 foi o palco de grandes manifestações populares. A intenção de participar efetivamente do processo político pareceu tornar-se generalizada, manifestando-se em pequenas ações cotidianas e pequenas conquistas populares.

Este fazer político possibilitou às pessoas que participavam mais efetivamente dos movimentos, um aprendizado e um acúmulo de experiências, visíveis principalmente nas formas adotadas durante as reivindicações, as greves, etc, de maneira que as classes populares puderam firmar-se no cenário político enquanto sujeitos históricos. O fato desses movimentos, de certa forma, não terem vingado nos anos posteriores é um tema pertinente, todavia não será abordado nesse estudo por estrapolar os objetivos iniciais do mesmo.

Com efeito, muito se discute sobre cidadania, ou ainda sobre direitos dos cidadãos e deveres do Estado referentes às questões sociais, dentre elas a educação e a escola.⁵³ No entanto, sabemos que cidadania para os excluídos

⁵³ - Vide BUFFA, Ester. ARROYO, Miguel G. e NOSELLA, Paolo. **Educação e Cidadania: quem**

socialmente ⁵⁴ não é algo doado por quem quer que seja e sim uma conquista, através da consciência e do exercício político, das lutas pelo que acreditam ser de direito próprio.

Portanto, é proposta de trabalho recuperar outras formas encontradas pelos trabalhadores de se educarem e se informarem que não seja aquela tradicionalmente conhecida por todos, e nem sempre acessível a todos, que é a escolar. Formas estas que podem levar os trabalhadores ao exercício da cidadania além de abrir novas possibilidades, para nós, pesquisadores, de colocarmos em discussão questões acerca das práticas educativas, que por sua vez, não se resume apenas à escolar.

Aliás,

*“a relação educacional existe em toda a sociedade, ultrapassa os limites das relações escolares e se manifesta intensamente no bojo dos movimentos populares e democráticos.”*⁵⁵

Além disso, essa relação pedagógica torna-se essencialmente uma relação política, na medida em que caracteriza a capacidade de uma classe (ou movimento) em submeter-se à direção de outra ou em resistir-se a essa direção, através da criação de instrumentos próprios de organização. E é justamente no embate, através do exercício e participação política e principalmente das conquistas que as classes trabalhadoras se educam, sobretudo nas lutas de resistência e reivindicação. Desta forma procuram garantir, o direito de serem,

educa o cidadão? São Paulo: Cortez. 2ª ed. 1988. (Coleção Polêmicas do nosso Tempo).

⁵⁴ - Nesta classe de excluídos socialmente, incluímos as pessoas que deixaram a escola para trabalhar ou mesmo nunca estudaram e se educaram de outras formas que não a escolar.

⁵⁵ - PUCCI, Bruno. **A Nova Práxis Educacional da Igreja (1968-1979)**. São Paulo: Edições Paulinas. 1984, p.12

efetivamente, cidadãos.

Por isso, reduzir:

*“a questão da cidadania dos trabalhadores a uma questão educativa é uma forma de ocultar a questão de base, uma vez que não trata-se de uma questão pedagógica, mas política, ou seja, uma expressão do confronto entre as duas classes em formação (burguesa e trabalhadora)”.*⁵⁶

Daí a nossa preocupação em resgatar e trabalhar a questão educacional como uma questão histórica tentando romper a estreita vinculação entre educação (formal) e cidadania como precondition para a participação política, uma vez que essa idéia acaba justificando a exclusão das classes populares e reduzindo o espaço de ação política apenas aos “educados”.⁵⁷

*“Ah! Esse...negócio de política eu estou sempre por fora, eu num gosto também não. Quase que a gente num vê, quase...participava, né!”*⁵⁸

*“É, mas eu sou uma pessoa que não acompanha política, sempre eu voto porque eu tenho que votá, eu sô obrigado a votá pra elegê prefeito, vereador e até presidente da República...eu já votei muitas vez, então, eu num sô político, eu acompanho, sabe?”.*⁵⁹

Esses e outros depoimento vão fazer referência à política quase que exclusivamente partidária, desconhecendo a amplitude do termo com relação à participação política, que extrapola a questão do voto. O votar por obrigação ou o não entender de política, evidencia a descrença dessas pessoas em relação à melhorias sempre prometidas e nem sempre cumpridas. Deixa claro também o

⁵⁶ - Cf. Miguel Arroyo., op. Cit., p. 47

⁵⁷ - Ibid., pp. 31-79.

⁵⁸ - Depoimento de J. F., motorista e eletrotécnico.

⁵⁹ - Depoimento de E. O., eletrotécnico.

quanto sentem-se excluídos da participação política e do exercício efetivo de cidadania, muitas vezes porque não se julgam preparados ou educados para tal participação, ou seja, não tem consciência do seu ser político, delegando esta qualidade apenas aos institucionalmente preparados - os políticos de carreira.

Portanto, é comum concebermos política como uma atividade própria e exclusiva de certas pessoas, os deputados, o prefeito, enfim, pessoas competentes, institucionalizadas. No entanto, é preciso ampliar essa noção de política para outras esferas se quisermos valorizar as lutas e resistências das classes trabalhadoras e a partir delas vislumbrar práticas políticas que expressam exercício (ainda que limitado) de cidadania.

Um local de importância para essas práticas informais de aprendizado é o espaço da Igreja, com os movimentos de Ação Católica, as Juventude Operária Católica, Juventude Universitária Católica, mais tarde as pastorais (do dízimo, da criança, da Juventude, do Menor, dentre outras tantas) e também as Comunidades Eclesiais de Base, cuja função básica era a articulação dos movimentos populares que surgiram no início dos anos 70.

A Igreja, na década de 60, aos poucos começou a questionar suas práticas levantando novas propostas de uma religião mais consciente e menos assistencialista/paternalista, de forma que desse às pessoas condições para que elas se desenvolvessem por si mesmas, sem precisar de "esmolas". É como diz o velho ditado: *"É melhor ensinar a pescar do que dar o peixe"*.

O depoimento de um ex-padre é contundente a esse respeito, quando diz

que mais do que ministrar sacramentos,

"o dever do padre e bispo de uma religião é conscientizar...dentro da Igreja...organizando esses grupos de atuação dos leigos...com a sistemática metodologia de trabalho que era toda baseada em reflexão, inclusive por esse período ficou muito em voga o método de reflexão, de pesquisa e até de mudança social chamado Ver, Julgar e Agir".⁶⁰

Esse método, apesar de ter sofrido inúmeros ataques por parte da cúpula da Igreja, que se sentia incomodada com as novas mudanças foi amplamente utilizado pelos movimentos católicos nas décadas de 60, 70, 80 provocou uma verdadeira revolução nas práticas de ação cristã, inovando as estruturas, propondo transformações nas bases, abrindo espaço para a participação leiga dentro da Igreja, levando as pessoas a agir em todas as esferas de sua vida - família, trabalho, sociedade - a partir da junção fé e vida.

Nesse sentido, o papel da Igreja como formadora de opinião tanto religiosa como política foi fundamental para que esses movimentos ganhassem fôlego, até porque, naquele momento a Igreja talvez fosse um dos únicos espaços possíveis para a realização de reuniões e/ou discussões sem levantar suspeitas. Os movimentos traziam sem si o germe da Teologia da Libertação, uma outra forma de se pensar e viver a fé católica a partir da realidade de cada comunidade, de cada cristão, visando orientá-lo para a sua própria libertação não só religiosa, mas também política, celebrando as derrotas e vitórias na luta e na opção preferencial pelos pobres.

Na medida em que ensinavam as pessoas a ler, a falar sobre seus

⁶⁰ - Depoimento de D. G., ex-sacerdote.

sentimentos, seus problemas, a defender posições e incentivando a solidariedade através das mutirões, esses movimentos podem ser considerados locais extremamente importantes, onde a aprendizagem acontece informalmente, fluindo talvez melhor porque unindo educação para a vida, para o trabalho e para a conscientização religiosa como prática política.

“A Ação Católica levou inclusive a...a uma análise política, porque não foi dentro da Ação Católica, mas de movimentos da Ação Católica que nasceram alguns militantes de...movimentos políticos, por exemplo, a AP no Brasil...AP era Ação Política, um grupo para a ação política nas estruturas políticas do país de revolução, né...já fora dos movimentos de Ação Católica, mas como segmentos, linha auxiliar dos PC's - Partido Comunista - a chamada POLOP - Partido da Libertação Proletária -...agora tudo isso não nasceu evidentemente da Ação Católica, mas alguns militantes da Ação Católica se conscientizaram politicamente e fizeram uma opção política, que a gente recomendava pra fazer ...que você precisa ser um agente transformador das estruturas que aniquilam o ser humano. Isso era orientação social da Ação Católica, que era um movimento religioso, uma estrutura religiosa, que nasce justamente do encontro do movimento litúrgico e transborda para uma influência na área social até produzindo, não no seu meio, mas produzindo organizações de militâncias políticas, produzindo elementos muito ativos, né”.⁶¹

Num outro depoimento é possível perceber como o espaço da Igreja forneceu as condições para que um carpinteiro, com pouco estudo, adquirisse consciência de seu valor como um ser político, capaz de lutar pelos seus interesses e de sua classe (adquirindo consciência de classe), mostrando também que é preciso organizar-se para buscar, em conjunto, as soluções para os problemas:

“É...nós tivemos a participação muito boa na JOC, foi onde me deu muita base, muita consciência operária...a gente era um grupo de companheiros aí no bairro Bom Jesus e através de uns companheiro que vieram da JOC de Belo Horizonte com essa

⁶¹ - Idem.

*intenção de fundar a JOC em Uberlândia, através também da Igreja Católica...Daí a nossa participação na JOC foi fundamental, sabe, foi uma semente que ficou até hoje, que estimulou a gente a lutar dentro do movimento operário, dentro de movimento familiar e a gente sentir a necessidade de ver que...o nosso sente as mesma dor que a gente, tem os mesmos problemas que a gente e que a gente sozinho ou ele sozinho também não se chega a nada...porque a maioria das pessoas às vez não tem a oportunidade de se chegar a um conhecimento maior porque não participa com os outros, porque às vez se fecha dentro de si mesmo e não se abre pra fora, não..."*⁶²

A maioria dos trabalhadores que tiveram como única opção de aprendizado a educação informal, estão em condições desfavoráveis em relação àqueles que possuem uma formação especializada, pelo menos no que tange ao mercado de trabalho. No entanto, como percebemos no relato anterior, as possibilidades de crescimento humano e consciência política podem ser oferecidas no próprio meio onde vivem e trabalham. No caso específico de aprendizado para o trabalho podemos perceber que também existem locais que proporcionam alternativas aos cursos especializados. Um exemplo disso está na fala do membro dirigente do Círculo operário Católico da cidade de Uberlândia, quando conta sobre os cursos oferecidos à classe trabalhadora. Cursos estes que vão desde trabalhos manuais como os de corte e costura, até os mais elaborados como os de formação religiosa, política e de lideranças.

*"Os cursos que nós damos aqui, é curso de três dias, curso de final de semana, né? Sempre tem umas quinze, vinte pessoas, no máximo trinta (...) É pra todas as pessoas que queiram. Nós fazemos um convite geral (...) É feito em fábricas, é feito pelos jornais, é pelo, pela televisão, pelo rádio, pelo sindicato, nós mandamos circular para os sindicatos"*⁶³.

⁶² - Depoimento de Z. P. S., carpinteiro da Construção Civil.

⁶³ - Depoimento de J. V. N., membro dirigente do Círculo Operário Católico.

Através deste depoimento, percebemos que as classes populares realizam, em vários locais, a preservação e a transmissão de diversos tipos de conhecimento que expressam geralmente os seus modos próprios de viver e de saber. Esses cursos, por exemplo, são demonstrações de formas peculiares de solidariedade para dentro da classe⁶⁴. Ainda que sejam oferecidos dentro de uma perspectiva mais assistencialista do que crítica, possuem um valor que não se deve subestimar, uma vez que oferecem o aprendizado de ofícios, que talvez de outra forma não fosse tão acessível aos trabalhadores. Além de propiciar o aumento na renda familiar, pois muitos colocam em prática o que aprenderam ali.

“É, ela trabalhou como costureira e aí nós vencemos a vida...se não fosse ela pra me ajudar nós num dava conta, porque eu pagava...pagava o colégio...não conseguia arranjar vaga no colégio estadual lá embaixo, porque lá só ia o filho do papai. O filho do pobre não ia lá., ocê já ouviu falar isso, que nós, pobre não estudava no colégio estadual. Tinha que ser pago...foi uma luta”.⁶⁵

Nesse caso, como também em outros, a ajuda da esposa e muitas vezes dos filhos, é necessária e bem vinda, dada as condições de vida dos entrevistados. A família, portanto, aparece como um local privilegiado por onde se desenvolvem os laços de afetividade, sobrevivência e sociabilidade.

Numa sociedade excludente e contraditória como a nossa, que garante, por exemplo, vaga em escola pública para quem pode pagar tirando do outro que não pode o direito de estudar, parece difícil sentir-se pessoa, cidadão, até porque a participação parece ser exclusividade de alguns poucos. Na maioria dos casos,

⁶⁴ - SANTOS, Cláudio Alberto dos. **CDP: A Construção da Memória Popular (1982-1990)**. Relatório Final do CNPq. UFU, 1997. p.31

⁶⁵ - Depoimento de J. A. S, mestre de obras.

esses que ficam de fora do ensino sistematizado aprendem duramente com a vida, no trabalho.

“É...como...praticamente todos os trabalhadores, né, de pouca cultura, né, porque eu cursei apenas o 3º ano primário, né. E tive que começar a trabalhar muito cedo pra ajudar a minha mãe que era viúva, né... e comecei a trabalhar assim em construção civil...com dezesseis anos de idade e...durante muitos anos eu enfrentei muitas dificuldades, né, porque igual eu tô te falano, a rotatividade, a gente trabalha alguns mês, fica meses parado...e a gente enfrentou períodos muito difícil, mas sempre havia alternativas, a gente às vezes chegava a sair de Uberlândia e trabalhar em lavoura, colher arroz...sabe, a gente sempre encontra outros meios, né, de sobreviver.”⁶⁶

Na teimosia do viver é que essas pessoas mostram sua verdadeira força. Mesmo em circunstâncias desfavoráveis como o desemprego e a instabilidade financeira, em parte devido ao pouco estudo, é possível perceber esperança em sempre conseguir um trabalho que lhes garanta por algum tempo o sustento e a dignidade. Chamamos a atenção para os tipos completamente diferentes de trabalho, na construção civil e/ou alternativos como na lavoura e no que aparecer, denunciando uma luta intensa para permanecer dentro do mercado de trabalho, muitas vezes sem carteira assinada, sujeitando-se, inclusive, a baixos salários no desejo de, pelo menos sobreviver, porque o viver no sentido mais pleno da palavra se encontra muito distante de sua realidade.

Sabemos o quanto é difícil para os trabalhadores perceberem o seu próprio valor até porque sentem-se excluídos dessa sociedade (que também os exclui). No entanto, sabemos também que é possível recuperar novamente a dignidade outrora perdida diante da ausência de diplomas. Por isso, nossa preocupação em

⁶⁶ - Depoimento de Z. P. S., carpinteiro da construção civil.

tentar perceber como se dá o acesso dos trabalhadores à determinados canais capazes de transmitir, de maneira assistemática, uma série de informações relevantes no processo produtivo e social de aprendizagem, é justamente para demonstrar que é possível conquistar o direito à cidadania através do trabalho e da participação política em todas as esferas da sociedade. Um exemplo disso é o depoimento de um trabalhador cuja inserção no Partido Comunista abre possibilidades de um aprendizado singular em sua formação profissional:

“Olha, eu sou instalador hidráulico...Eu profissionalizei em 1941...a minha mão de obra é uma mão de obra especializada, entendeu. Especializada porque o oficial é aquele homem que sabe fazer o estudo do projeto e eu só aprendi a fazer esse serviço dentro do partido comunista, junto com o povo, igual forma assim um engenheiro...a própria professora, né. Então eles me deram essa mão...”.⁶⁷

Além disso, propicia um desenvolvimento constante em sua consciência política através da participação em eventos, congressos e cursos promovidos pelo partido na tentativa de organização da classe operária:

“O Partido cumpriu a sua tarefa, porque é a tarefa do Partido Comunista, através de seus membros, organizar a classe operária, quer dizer, todos os membros do Partido Comunista que não sabia ajudar a organizar a classe operária, não é um bom comunista...eu mesmo, tive essa honra, participei de vários sindicatos, de vários congressos do Partido...organizando tese de direito e defesa do trabalhador. Inclusive eu trabalho insalubre e ocê sabe que esse trabalho mata qualquer pessoa, né? O trabalho insalubre é...oito horas de trabalho, não é isso? É...o direito sobre a legislação sindical. Então melhorou muito, apesar de ainda falta muita coisa. O partido não dá tudo de uma vez não, viu, ele dá através de luta”.⁶⁸

De fato, o processo educacional é construído associado aos problemas

⁶⁷ - Depoimento de O. M., bombeiro hidráulico.

⁶⁸ - Idem.

básicos vivenciados com intensidade pelas classes populares em suas ruas, bairros, comunidades, nos movimentos da Igreja, no trabalho, etc. Na verdade, esses problemas reais e concretos vão conduzir, ao menos inicialmente, essas pessoas à uma participação conjunta e a aprendizados informais, ao mesmo tempo, geram indícios de uma consciência de grupo, de pertencer a uma classe que tem interesses próximos uns dos outros.

“... foi uma necessidade que eu sentia como trabalhador da criação do sindicato devido... toda pessoa que trabalha aqui era lesado...trabalhistamente, por exemplo, o sujeito era dispensado, o sujeito não queria, se eu não precisava mais do empregado, mandava ele ir embora e acabou... e olha que já existia legislação trabalhista. Eu tava acostumado...nós freqüentava lá era Belo Horizonte.”⁶⁹

Neste depoimento percebe-se que o trabalhador tem consciência de que sozinho não solucionará seus problemas no trabalho, mas juntos (no caso uma organização sindical) as forças se somam e as chances de lutar e conseguir melhorias de salários ou estabilidade no emprego, por exemplo, que é uma dos problemas que mais assolam a classe trabalhadora porque desestrutura toda a sua vida, principalmente a da família como um todo, tornam-se maiores e mais concretas. É interessante perceber que os esforços para conquistar esses espaços de lutas são intensos, como se vê:

“Pra fazer a associação dos trabalhadores da construção civil era preciso haver bens... cadeiras, mesas...daí a gente tirava um pouco do bolso, e um dava, naquela época dava um mil réis, outro um cruzeiro, outro dava outro, então compramos os trem a prestação...”⁷⁰

“Assim que eu registrei minha carteira com dezoito anos de idade eu já passei a fazer parte do sindicato, sindicalizei, né. Inclusive aquele prédio do sindicato que tem aqui na rua México, aquilo ali foi feito à

⁶⁹ - Depoimento de J. A. S., mestre de obras

⁷⁰ - Depoimento de J. A. S., mestre de obras.

base de mutirão inicialmente. Então a gente trabalhava lá, assim, aos domingos, sabe".⁷¹

Nesse sentido, as pessoas vão aprendendo a decidir em conjunto e através da mobilização bem como da ação, sentem-se mais fortes, porque pertencentes a um grupo. E é justamente daí que surgem os grupos solidários que mais tarde darão lugar às organizações comunitárias ou sindicais como as associações de moradores, etc., que tendem a ampliar um pouco mais o olhar para além dos problemas da vizinhança, de forma a perceber semelhanças e diferenças entre os grupos, o espaço físico onde moram e trabalham, enfim, a dinâmica do funcionamento da cidade, das leis que a organizam e as prováveis causas de seus problemas.

Dentro desse movimento de organização, há todo um processo de aprendizagem, ou seja, até mesmo o exercício da troca de experiências, de conviver, de sofrer, de pensar e de agir em conjunto, a partir dos desafios da existência, é uma forma de se educar tanto para a vida quanto para o trabalho. Na medida em que as pessoas reforçam os laços de solidariedade, ajudando umas as outras na arte de saber ler e escrever, estabelecem vínculos importantes e se fortalecem na luta contra a opressão e a exploração capitalista.

"nunca , nunca fui numa escola...não tinha escola não... aprendi panhando jornal na rua e lendo, e aprendi matemática porque era preciso, porque matemática é ... dois vez dois são quatro...não sei fazer conta na maquininha, faço conta no lápis, faço conta na mente...Porque com uns engenheiros que eu trabalho com eles ficam admirados de ver, né, de eu guardar tanta conta assim...um engenheiro é um pedreiro sofisticado e ruim. Ele sai da escola e vai aprender na obra, né." ⁷²

⁷¹ - Depoimento de Z. P. S., carpinteiro da Construção Civil.

⁷² - Depoimento de J. A. S., mestre de obras.

“Eles (no depósito) me ajudou porque...a minha vida foi assim muito...assim, porque cê sabe o quê que é...a gente num tem, eu num tenho um certo grau de instrução nem nada, então dependia muito deles, deles me ajudar, me ensinar de tudo, em tudo e por tudo, né.”⁷³

Como se vê, a leitura e o ofício de trabalho podem ser aprendidos no cotidiano, de forma satisfatória. Por esse viés é possível entender melhor como as classes populares, além de terem criado condições de vida urbana em circunstâncias extremamente adversas, estabeleceram suas próprias formas de educação, na medida em que aprenderam a se defender das artimanhas do poder institucional que os priva de uma série de coisas e a reivindicar seus direitos.

“Eu não sabia que tinha o direito de fazê isso, e larguei...então ele pegou a carteira dele (do marido) e assinô a carteira dele. Pagô uns meses como se ele tivesse trabalhando pra ele, sabe? Inclusive aquele homem da Casa Cristiana Serragens, também foi um dos que assinô na carteira dele...Aí, depois de tanto eu pelejá, eu consegui arrumá a aposentadoria dele”.⁷⁴

Essa prática pode ser entendida como uma forma de sobrevivência e resistência na medida em que procura garantir, ainda que por meios não tão lícitos, uma certa ajuda do Estado para as despesas através da aposentadoria, já que o mesmo não cumpre o seu papel nas questões sociais. É interessante perceber a forma como essas pessoas lidam com as adversidades, driblando as normas, burlando as regras, forjando assinaturas para garantir um direito que, na verdade deveria ser assegurado, independente de Carteira Profissional assinada ou não, uma vez que essa pessoa trabalhou a vida toda. Essa é uma forma de conquistar os direitos, mesmo que eles lhes sejam negados.

⁷³ - Depoimento de W. G., ajudante de depósito em geral.

⁷⁴ - Depoimento de R. S. R., passadeira.

Nesse sentido, é o aluno trabalhador que sofre mais diretamente essas consequências. Apesar da lei dizer que a educação é direito de todos e dever do Estado, para este tipo de aluno as portas estão fechadas, uma vez que os índices⁷⁵ apontam que o fracasso escolar - repetência e principalmente evasão - estão mais próximos da classe trabalhadora.

Esse problema é um reflexo do descaso com que as autoridades tratam as questões sociais em nosso país. São poucos os investimentos na educação e ainda menores os incentivos à pesquisas voltadas para essa temática, fato que chega mesmo a ser curioso, até porque traz à tona os verdadeiros interesses da classe dominante com relação ao desenvolvimento do país, que fatalmente passa pela pesquisa, pela produção de tecnologia.

A despeito do que alardeia sobre repasses de verbas, índices de alfabetização acima da média, programas de qualidade total no ensino público⁷⁶,

⁷⁵ - Veja alguns dados de 1992, apresentados pela Revista Escola, extraídos da Dissertação de Mestrado de Fátima Conceição Ferreira, op. Cit. , p. 19:

- . 32 milhões ou 53,3% das crianças e adolescentes vivem em situação de pobreza, em famílias de renda mensal per capita de até ½ salário mínimo;
- . 7,5 milhões de crianças e adolescentes (de 10 a 17 anos) trabalham no país;
- . 11,6% da população economicamente ativa é de menores;
- . 40% dos jovens que trabalham estão na faixa de 10 a 14 anos (a Constituição não permite trabalho nesta idade);
- . 46,4% dessas crianças trabalhadoras recebem no máximo um salário mínimo;
- . 46,4% delas trabalham oito horas ou mais por dia;
- . 46,3% dos menores trabalhadores têm no máximo quatro anos de instrução escolar;
- . 12% dos 30 milhões de estudantes são atendidos por professores leigos.

⁷⁶ - Este programa é uma proposta do governo para a educação baseado em dados, em levantamentos e estatísticas. Segundo Maria Antonieta M. Antonacci em seu artigo "Qualidade Total na Educação: A que veio?" a qualidade total pode ser pensada como uma extensão do Taylorismo e Fordismo do final do século passado e início do século XX, na medida em que necessita da educação e do treinamento porque envolve uma questão de comportamento, de aceitação, ou melhor dizendo, de internalização de atitudes, disciplinas e rotinas de trabalho. Nesse sentido, o espaço da escola constitui-se como alvo estratégico da qualidade total, porque sem essa educação, no sentido da socialização ou de apreensão de controles, não há qualidade total que consiga penetrar nos espaços de trabalho.

informática nas escolas, etc., o governo não se preocupa efetivamente com a formação integral do indivíduo, pelo contrário, tal preocupação gira em torno da quantidade em detrimento da qualidade. Em outras palavras, quando há uma preocupação em formar mais pessoas, as diretrizes da educação impossibilitam o investimento no potencial crítico delas (o que ocorre, talvez, é que elas tornam-se mais preparadas para engrossar o mercado de trabalho e só), o que facilita, em grande parte, suas manobras politiqueiras, na medida em que essas pessoas dificilmente irão questionar tais práticas, posturas e direcionamentos políticos, e o que é pior, acabam por aceitá-los passivamente.

Quanto à classe trabalhadora, sua dificuldade básica está em optar por lutar e sobreviver através do trabalho e/ou, ao mesmo tempo, buscar o conhecimento formal, que é de seu direito. A questão é que, na hora de fazer a escolha, num país capitalista como o nosso, cuja sociedade é desigual, porque geradora de oportunidades parciais e desiguais, quase nunca é possível optar pela escola, pois é justamente na idade escolar que muitos têm de começar a trabalhar para sobreviver e ajudar a família. Os que não freqüentam a escola ou a abandonaram sem uma profissão definida, são obrigados a enfrentar o submundo do trabalho aonde a grande maioria das pessoas acaba realizando os serviços mais degradantes, de remuneração mais baixa, sem as mínimas condições de segurança e com maior risco de desemprego nos momentos de crise.⁷⁷

De certa forma, a educação escolar e sistematizada não confere cidadania a alguém que dela esteja excluído, nem tampouco melhoria da qualidade de vida

⁷⁷ - FERREIRA, Fátima Conceição, op. Cit., p.25

através de bons empregos àqueles que não puderam por ela optar.

De fato, são vários os casos relatados que mostram isso, como por exemplo:

*“Na escola eu entrei, mas devido a...vamos dizê, a situação financeira, eu não pude estudá”.*⁷⁸

*“Vinha um engenheiro da empresa e assinava. Às vezes não sabia nem distinguir um trabalho, nem fazer nada, mas ele chegava e assinava. Mas quem montava era a gente que nunca teve um curso específico”.*⁷⁹

*“...a gente trabalhava assim, o trabalhador da construção civil, ele é o subemprego, né. A gente trabalha, às vezes assim, três meses, registrado, trabalha um ano sem registrar, às vezes até mais...”*⁸⁰

Nesses depoimentos estão presentes a percepção de uma certa ambigüidade na educação formal. Ambigüidade essa, percebida, por um lado, como um instrumento de injustiça e de desigualdade social, na medida em que há uma espoliação do saber do trabalhador, ou seja, o engenheiro formado assina, mas quem realiza o trabalho são aqueles que não possuem o diploma e por isso mesmo são menos remunerados.

Por outro lado, é interessante notar que há, entre eles, uma certa clareza em relação à essa condição injusta pela qual o trabalhador, principalmente o migrante (geralmente) pobre e sem instrução - de “pouca cultura” - tem que se sujeitar no momento de arranjar seu primeiro emprego. Normalmente, a maioria começa nos piores empregos como por exemplo, sem carteira assinada, etc. Nota-se uma diferença grande de salário e de valorização entre “trabalhadores desqualificados (sem estudo, braçal) e o “profissional”.⁸¹ Nesse depoimento, está explícita a dura realidade de ser um trabalhador desqualificado numa sociedade capitalista extremamente competitiva como a nossa, que mesmo contribuindo para

⁷⁸ - Depoimento de L. B., operário..

⁷⁹ - Depoimento de D., operário.

⁸⁰ - Depoimento de Z. P. S., carpinteiro da construção civil.

⁸¹ - Palavras de um carpinteiro da construção civil para caracterizar a maioria dos trabalhadores que chegam à cidade grande sem instrução escolar e qualificação profissional.

o crescimento das cidades, pagando impostos, não são reconhecidos nem pelo seu trabalho nem pelo seu esforço, muito menos como cidadãos. Por isso, concebem a educação formal como um valor, muitas vezes, inacessível nas suas condições de trabalhador pobre:

*“... a gente num, a gente num estudô, a gente num sabe nem falá”.*⁸²

Por isso, a fala é fundamental nesses casos, pois funciona como um elemento a que essas pessoas recorrem para se sentirem parte de um mundo do qual foram excluídas - o mundo escolar - que poderia ser o lugar privilegiado desse aprendizado. Nesse aspecto, é evidente a força da escola, não somente pelo caráter profissionalizante que a mesma carrega, mas por instituir padrões culturais e lingüísticos diferentes do que as classes mais pobres da população vivenciam como seu. Por isso, essas pessoas se ressentem e acreditam estar fora do processo de construção da sociedade, e, conseqüentemente, do exercício da cidadania, não apenas por serem excluídas, mas por se sentirem como tal.

O acesso à educação escolar formal ainda é representado como algo velado à sua condição de cidadania. Dessa forma, a educação, mesmo a elementar - ler e escrever - ao não ser oferecida de forma ampla e irrestrita a toda a população, abre possibilidades de dominação e controle das relações travadas entre a classe dominante e as classes populares, principalmente as classes trabalhadoras.⁸³

No entanto, as classes populares em sua infinita teimosia, criam e recriam

⁸² - Depoimento de L. B., operário.

⁸³ - MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revistada**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994 (Caminhos da História) p.37

mecanismos, formas alternativas de driblar as adversidades, garantindo a preservação e transmissão de tipos de conhecimentos que expressam geralmente os seus modos próprios de viver e de saber. Esses modos próprios de educação das classes menos favorecidas têm um teor político que pouco se suspeita, além de serem um instrumento decisivo para tais classes que vivem a radicalidade cotidiana do não-ter.

“Havia reuniões periódica, toda semana nos bairro e havia reuniões, entendeu, uma vez por mês nas fazenda...nessas reuniões havia discussões políticas, quer dizer, as discussões políticas elas...tá no sentido de mostrar aos novos que que entravam pro partido o que é o partido, como nasceu o partido, entendeu, e...quais foram os idealizadores do partido...os nome, por exemplo, no Lênin, Stalin, Marx e Engels, entendeu...a queda da Bastilha, não é isso, então havia essas discussões.”⁸⁴

Neste caso, o partido, mais do que a escola ensinou lições de vida, de história a esse trabalhador e ele permaneceu lá dentro justamente por isso, ou seja, porque o partido oferecia coisas boas como assistências, valorização e principalmente um conhecimento que talvez em outra instância nunca teria adquirido. Através das leituras e discussões ele vai apreendendo novos valores, aprendendo a defender suas idéias. De certa forma, a participação no partido propiciou pequenas vitórias que significam a possibilidade de conquistar também as grandes.

Então, a escola que poderia ser o lócus privilegiado onde todas as pessoas se apropriassem de um saber que estabelece direitos, acaba não sendo o único e principal espaço onde as classes populares vão buscar o seu conhecimento. De

⁸⁴ - Depoimento de O. M., bombeiro hidráulico.

acordo com os testemunhos, foram outros os territórios onde se desenvolveu o processo de aprendizagem. A Igreja, as associações de moradores, os clubes recreativos, os sindicatos, os partidos políticos são locais onde, lentamente, a população vai se capacitando no sentido de articular o ato de pensar à fala, desenvolvendo argumentos em torno de um saber que muitas vezes lhes é cerceado, aprendendo a discutir, a defender uma idéia, a ouvir outras opiniões. Os exemplos confirmam essa necessidade do aprendizado, ainda que informal, como condição e possibilidade de se relacionar com o mundo à sua volta, principalmente o mundo do trabalho. A própria condição de cidadania se adquire nesse esforço de aprender a aprender.

“Eu aprendi a lê, de força de vontade, primeiro foi de ver as pessoa assinar meu nome.”⁸⁵

“Aprendi (a profissão) com outras pessoa, vendo um fazê aqui, ôtro fazê ali.”⁸⁶

A educação encarada dessa maneira, como a forma em que os homens e mulheres produzem e praticam seus próprios valores, concepções, para que reproduzam entre si o saber que ensinam e aprendem nos lugares mais inusitados, reelaborando-os cotidianamente, revela que a rede de trocas desse saber tem como espaço educacional a casa, a fábrica, o bairro, dentre outros.

Por isso, acreditamos que as formas alternativas de educação são essenciais para as classes populares, pois rompem, ainda que parcialmente, com a carência da educação formal, além de desmistificar o vínculo profundo entre

⁸⁵ - Depoimento de L. B., operário.

⁸⁶ - Depoimento de D., operário.

educação formal, cidadania e participação. Enquanto a sociedade continuar defendendo tal vinculação mecânica, continuaremos reforçando a construção daquela lógica forjada e global de educação formal como condição para a participação política e, conseqüentemente para o exercício da cidadania, além de estarmos contribuindo para que este continue a ser negado ou protelado às classes iletradas. Essa é uma prática que vem sendo realizada pela classe dominante no intento de colocar as classes populares nos seu devido lugar, levando-os a se sentirem incapazes e inferiores e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção de seu poder.

Em contrapartida, acreditamos que a própria capacidade de pensar, de agir racionalmente, de ter idéias e defendê-las, de organizar-se na luta pelo que acreditam é, de fato, o que define sua participação, sua cidadania. Através dos depoimentos podemos perceber essas práticas no cotidiano dos trabalhadores e é o que faz a diferença. Poder falar, reivindicar, organizar, discutir, defender idéias, fazer-se notar e ocupar um lugar entre os diversos movimentos, sejam eles partidários ou não, é uma conquista das classes populares e isso não pode ser negado ou tirado. Conquista essa que pode ser encarada como um exercício constante de cidadania por parte das classes trabalhadoras.

No entanto, o discurso que permeia na sociedade a respeito do direito de participação política ser exclusividade apenas de uma pequena elite de letrados é tão profundamente enraizado nas pessoas que rompê-lo, de uma hora para outra, não é tão fácil. Todos nós, alfabetizados ou não, somos diretamente influenciados

por esse discurso e isso gera um preconceito tal que trava as relações dentro da própria classe trabalhadora, pensada aqui na sua forma mais ampla, ou seja, abrangendo as diversas categorias como os trabalhadores da prestação de serviços, professores, operários de fábricas, domésticas etc., de maneira que ainda não conseguimos unir forças e lutarmos contra todas estas estratégias de poder e de dominação que as classes mais abastadas exercem sobre nós, trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trabalho no CDP foi extremamente rica por trazer uma das maiores contribuições à nossa vida profissional na medida em que une dois aspectos importantes da formação acadêmica - o ensino e a pesquisa. Nesse sentido, acreditamos ser um privilégio ter a oportunidade de fazer pesquisa no decorrer da graduação, uma vez que as situações de conflito que ela provoca redundam em um amadurecimento no ato de historiar.

O CDP, por ser um Centro cujos documentos trazem no seu bojo experiências de vida e lutas populares, propicia um aprofundamento e uma melhor compreensão da realidade deste povo que sofre, no entanto teima em viver. Além disso abre possibilidades para compreendermos também a nossa própria realidade, de maneira que somos levados à comprometermos e escolhas políticas.

Portanto, essa experiência concreta de trabalho com fontes populares, principalmente as fontes orais, cuja particularidade está justamente em tornar possível uma história contada a partir de sujeitos antes pouco valorizados ou representados pela historiografia, conduzem à reflexões e reavaliações de nossas próprias posturas, convicções e práticas.

O ofício do historiador é um trabalho árduo, porque lidar com incorporação e organização de fontes documentais, por exemplo, não é uma tarefa tão fácil como parece. Por isso, foram muitas as angústias e os problemas surgidos no

decorrer do trabalho, principalmente depois ao lidar com a problematização das fontes orais; tentamos minimamente resolver esses problemas lançando mão de um grupo de estudos, cuja finalidade era a de trocar experiências, partilhar dificuldades e buscar soluções através das discussões teóricas. Muitas vezes a teoria ajuda na compreensão do que fazer, mas a prática exige o como fazer, que aquela nem sempre consegue responder.

Acreditamos ter feito o possível para contribuir com a pesquisa histórica na medida em que contribuimos para a preservação e conservação de documentos tão singulares além de tentar problematizar, a partir das análises dos conteúdos das fontes orais, um tema referente à educação das classes populares.

Refletir sobre a educação hoje é muito oportuno, pois vivemos num tempo em que o valor está no ensino sistematizado, no possuir certificados. Nos dias atuais se não soubermos uma língua estrangeira, algumas noções básicas de computador e apresentarmos um diploma de curso superior, não temos boas chances de competir no mercado de trabalho.

Ao buscarmos bibliografias referentes a esse tema, fomos surpreendidos pela ausência de trabalhos historiográficos voltados para questões da educação, principalmente a que estamos enfocando - formas alternativas ao ensino sistematizado utilizadas pelas classes populares⁸⁷ para terem acesso ao mercado

⁸⁷ - Entende-se que as classes trabalhadoras, especialmente as que estamos enfatizando, estão inseridas num conjunto maior que denominamos classes populares, o que nos permite uma amplitude maior, podendo abarcar tanto os trabalhadores na ativa, quanto os desempregados, etc. Por isso, ora trabalhamos com o termo classes trabalhadoras, ora populares, não querendo com isso dizer que são a mesma coisa, mas que ambas estão lado a lado na defesa de interesses comuns, recriando formas alternativas de inserção numa sociedade que se faz excludente e autoritária.

de trabalho, e ao exercício efetivo de cidadania.

No entanto, ao contrário de desanimarmos frente à escassez de fontes bibliográficas, fomos impulsionados diante desta questão tão emergente que não pode e nem deve ficar à margem das discussões acerca dos direitos dos trabalhadores, movimentos populares, cidadania e educação.

Consideramos pertinente trabalharmos um outro aspecto desta questão, partindo do pressuposto de que não há uma forma nem um modelo único de educação, assim como também a instituição escolar não é a única possibilidade de estimular o aprendizado e talvez nem seja a melhor, pelo menos nos moldes que a vemos atualmente.

A tarefa de recuperar as essas outras formas encontradas pelas classes trabalhadores para manterem-se informadas, ou melhor, educadas para a vida ou para o trabalho que não seja a escolar, não foi uma tarefa fácil. Nesse sentido, viu-se acompanhada de outras atividades como estudos, além da procura incessante por fontes e referências bibliográficas que possibilitassem afunilar a pesquisa e, ao mesmo tempo, viabilizá-la. Sendo assim, queremos esclarecer que esse trabalho foi apenas um exercício de produção historiográfica. De antemão, pode-se dizer que todas estas atividades paralelas e necessárias refletiram imensamente em experiências ricas de aprendizado.

Em torno deste princípio é que os rumos da pesquisa foram sendo delineados, se bem que nossa proposta de trabalho não foi a de esgotar o tema. Na verdade, acreditamos que os questionamentos foram maiores do que as

respostas encontradas, aliás para cada resposta surgiam várias questões. No entanto foi possível tirarmos algumas reflexões acerca das práticas cotidianas informais de ensino das classes trabalhadoras.

Através das falas dos trabalhadores, foi possível identificar que a maioria deles não teve acesso à escola, alguns freqüentaram por pouco tempo, outros nem freqüentaram, de forma que todo o seu conhecimento foi adquirido em outros locais, de outras formas, no trabalho, com os filhos, vizinhos, no partido, no sindicato, na Igreja, enfim, em espaços alternativos à instituição escolar.

Apesar de não terem freqüentado nenhum curso específico e não portarem diploma, foram incorporados ao mercado de trabalho, ainda que não portando carteira assinada ou forjando assinaturas para conseguir a aposentadoria; o fato é que estavam lutando pelos seus direitos de cidadãos trabalhadores. Tudo isso foi essencial para compreendermos a estreita ligação entre educação, trabalhadores e cidadania.

Um outro aspecto dessa questão é que a educação informal, cuja aprendizagem acontece nas bases das relações entre as pessoas, todo o processo educativo é discutido, refletido e avaliado pelos mesmos sujeitos e na prática cotidiana. Em quase todos os movimentos, se exercitam práticas que, às vezes, ultrapassam as lutas reivindicatórias em torno de interesses locais e/ou particulares para reivindicações mais abrangentes em função dos problemas no trabalho, na política econômica, no movimento operário, nos sindicatos, etc.

Nesse sentido, é fundamental a participação das classes populares no seu

próprio processo educativo, uma vez que são práticas que, mesmo não se constituindo em alternativa totalmente eficaz ao sistema, mostram contudo a capacidade dessas classes em criar, dentro das condições mais adversas possíveis, formas que possibilitam educá-las a partir de suas organizações próprias. Nesse sentido, tais classes repelem as tendências que pretendam considerá-las como simples "massa de manobra".⁸⁸

Portanto, a importância de se pensar a educação como elemento fundamental e imprescindível na transmissão de conhecimentos para uma grande parcela da população é evidente e clara, mesmo porque em toda parte as classes populares aprenderam a criar e recriar uma cultura de classe, até mesmo se aproveitando dos elementos impostos pela classe dominante como verdades absolutas, padrões a serem seguidos. Além disso, aprenderam também formas próprias de educação do povo⁸⁹.

Levando em conta que utilizamos fontes documentais do CDP, podemos dizer que iniciativas como essas são extremamente importantes, na medida em que permitem despertar nas classes sociais menos favorecidas sua dignidade outrora perdida ou esquecida, e ainda atuando como um ponto de apoio para a construção de suas identidades. Isso faz com que o CDP, de certa forma, contribua para que o resgate da memória popular seja feito como um exercício efetivo de cidadania.

O CDP, portanto, não pretende ser apenas mais um Centro de

⁸⁸ - PUCCI, Bruno. op. Cit. p.164.

⁸⁹ - BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 103

Documentação, aquele depósito onde se concentram inúmeras fontes historiográficas, cujo manuseio fica por conta da própria Academia. É evidente que o mesmo também exerce essa função, ou seja, ser um suporte material/concreto visando o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa histórica ou áreas afins. Contudo, mais do que isso, o nosso grande desafio é colocar as fontes à serviço e à disposição da comunidade e dos próprios movimentos que as produziram, a fim de que o arquivo do CDP,

“ao contrário de tornar-se mais um ‘quarto empoeirado’ da história, onde historiadores buscam vidas em formas amorfas devia tornar-se parte viva da dinâmica desses movimentos. E, nesse sentido, orientá-los ou possibilitar-lhes uma orientação que dinamizasse a tarefa de auto organizarem-se, de preservação de sua memória, através de seus próprios arquivos.”⁹⁰

⁹⁰ - ALMEIDA, Leila. **Trabalho no CDP: Relato de Experiências e Perspectivas e Perspectivas de Reflexões**. UFU, Uberlândia, 1995, p.10.

BIBLIOGRAFIA

- ANTONACCI, Maria Antonieta M. "Qualidade Total na Educação: A que Veio?" In: **Cadernos de História**. Uberlândia, jan 95/dez 96.
- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**, Ed. FGV, RJ, 1995.
- ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de Almeida. "**Uberlândia Operária?: Uma Abordagem sobre as Realidades Sociais em Uberlândia (1950 a 1964)**". Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992.
- ALMEIDA, Leila. **Trabalho no CDP: Relato de Experiências e Perspectivas de Reflexões**. UFU, Uberlândia, 1995
- APLLE, Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. T. A. Queiroz, SP, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BUFFA, Ester. ARROYO, Miguel G. e NOSELLA, Paolo. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez. 2ª ed. 1988. (Coleção Polêmicas do nosso Tempo)
- CAMARGO, Aspásia Alcântara de. **História Oral e História**. RJ, 1976. Conferência realizada no I Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais, RJ, UFF, 02 - 06/08/1976.
- CANIVEZ, Patrice . **Educar o Cidadão?** (Trad.) ABREU, Estela dos Santos e SANTORO, Cláudio. 1991 (Coleção Filosofar no Presente)
- CAVA, Ralph Della. "A Igreja e a Abertura, 1974-1985". In: **A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1974-1985)**. Porto Alegre, L & PM, CEDEC.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**. 4ª ed., SP, Brasiliense, 1989.
- FERREIRA, Fátima Conceição. **Paixão e Conflito: um Estudo sobre o Aluno Trabalhador de Quinta Série Noturna**. Dissertação de Mestrado. UFU. 1997.
- FERRO, Marc. **História Viglada**. Martins Fontes, SP, 1989.
- FONSECA, Selva G. **Caminhos da História Ensinada**. Papirus, SP, 1993.

- FRANCO, Aléxia Pádua. **A Sobrevivência da Memória Popular**. UFU. Uberlândia, 1990. Mimeo.
- FRANÇOIS, Etienne. "A Fecundidade da História Oral", In: Marieta de Moraes & Janaína Amado (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, RJ, 1996..
- GARRIDO, Joan Del Alcazar. "As Fontes Oraís na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate" In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 13, nº 25/26, SP, ANPUH/Marco Zero, 1995.
- Guia da Central de Documentação e Informação científica "Professor Casemiro dos Reis filho". CEDIC - PUC/SP, São Paulo, Educ, 1995.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Nível de Escolarização, Educação Informal e Procura Educacional**. Brasília, 1980.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Tipologia da Educação Extra-escolar**. Brasília, 1980.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. "História Oral: uma Utopia?" In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 13, n. 25/26. SP. ANPUH/Marco Zero, 1995.
- Ministério da Ciência e Tecnologia. **Trabalhador , Ciência e Tecnologia**. Brasília. 1986.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: A cultura popular revistada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994 (Caminhos da História).
- _____. "História Oral: Caminhos e Descaminhos". In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 13, n. 25/26, SP, ANPUH/ Marco Zero, 1995.
- MORAES, Marieta de. (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Diadorim, RJ, 1994.
- _____. & AMADO, Janaína (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, RJ, 1996.
- NUNES, Silma do Carmo. **Concepções de Mundo no Ensino da História**. Papirus, SP, 1996, Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.
- O Direito à Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo, 1992.
- PUCCI, Bruno. **A Nova Práxis Educacional da Igreja (1968 – 1979)**. São Paulo:

Edições Paulinas. 1984.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena: Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Cláudio Alberto dos. **CDP: A Construção da Memória Popular (1982-1990)**. Relatório Final do CNPq. UFU, 1997.

SILVA, Tomás T. Da. (Org.) **Trabalho, Educação e Prática Social**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.

SIMONINI, Gizelda Costa da Silva. **Telefonia: Relações Empresa e Cidade(1954-1980)**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1994.

TELLES, Vera Silva. "Anos 70: experiências e Práticas cotidianas". In: **A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1974-1985)**. Porto Alegre, L & PM, CEDEC.

VIEIRA, Maria do Pilar de A. et alli. **A Pesquisa em História**. Ática, SP, 1989.